

LIVRO TEXTO

SOCIOANTROPOLOGIA

S719s Souza, Ricardo Luiz de

Socioantropologia / Ricardo Luiz de Souza. - Muriaé: Faculdade de Minas, 2015.
77 p.

1. Socioantropologia - Apostila. I. Andrade, Vitória Fernanda Schettini de.
II. Título.

Bibliotecária responsável: Ana Paula de Oliveira Diniz – CRB-6/2490

Revisão e organização: Fernanda Cristina Abrão da Rocha

Editoração: Jéssica A. Corrêa do E. Santo

Sumário

UNIDADE I – INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA.....	2
UNIDADE II – HOMEM E NATUREZA.....	2
UNIDADE III – CULTURA E SOCIEDADE.....	2
UNIDADE IV – INDIVÍDUO E SOCIEDADE.....	2
UNIDADE V– QUESTÕES SOCIOANTROPOLÓGICAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....	2
UNIDADE VI – VELHAS E NOVAS DICOTOMIAS O RURAL COMO DESCRIÇÃO DA REALIDADE.....	2

UNIDADE I – INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA

OBJETIVOS

- Conceito de Antropologia.
- Estudo antropológico das sociedades primitivas e na sociedade moderna.
- Definir as origens e o campo de estudo da Antropologia;
- Compreender a importância da história para o conhecimento antropológico;

“O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e invenções.”

Roque Laraia de Barros



Imagem 1 - de [truthseeker08](#) por [Pixabay](#)

“Os indivíduos, em todo o mundo, vivem em grupo. E as consequências da vida em grupo são o objeto de estudo da Sociologia.”

Caroline B. Rose.

Roque Laraia de Barros.

Estudar o homem é um dos grandes desafios da atualidade. A Socioantropologia, ciência que se funde entre duas áreas do conhecimento (Antropologia e Sociologia) é uma das ciências que preocupa em conhecer cientificamente o ser humano em sua totalidade.

Apesar de serem ciências independentes, ambas se complementam e se completam.

Para sua compreensão vamos partir do princípio de entendê-las separadamente, para então observar suas afinidades.

NO QUE DIZ RESPEITO À ANTROPOLOGIA

A Antropologia há poucas décadas conquistou seu lugar de destaque entre as ciências. O início (século XIX) recebeu o apelido de “a ciência das sombras” , pelo fato de estudar praticamente tudo que não interessava às outras ciências humanas. Era dedicado a quem tinha dinheiro e tempo, um “passatempo de amadores abastados” .

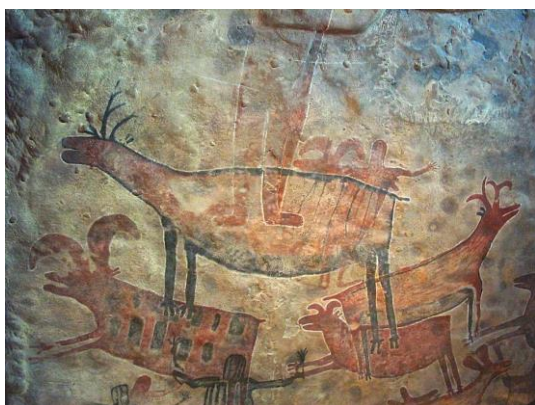


Imagem 2 - por Pixabay

Ainda hoje continua associando erroneamente a uma disciplina com macacos, esqueletos, índios, cacos, povos primitivos, folclore e coisas exóticas.



Imagem 3 de Robin Higgins por Pixabay

Mas se não é isto, o que é então antropologia?

O que o antropólogo faz e estuda?

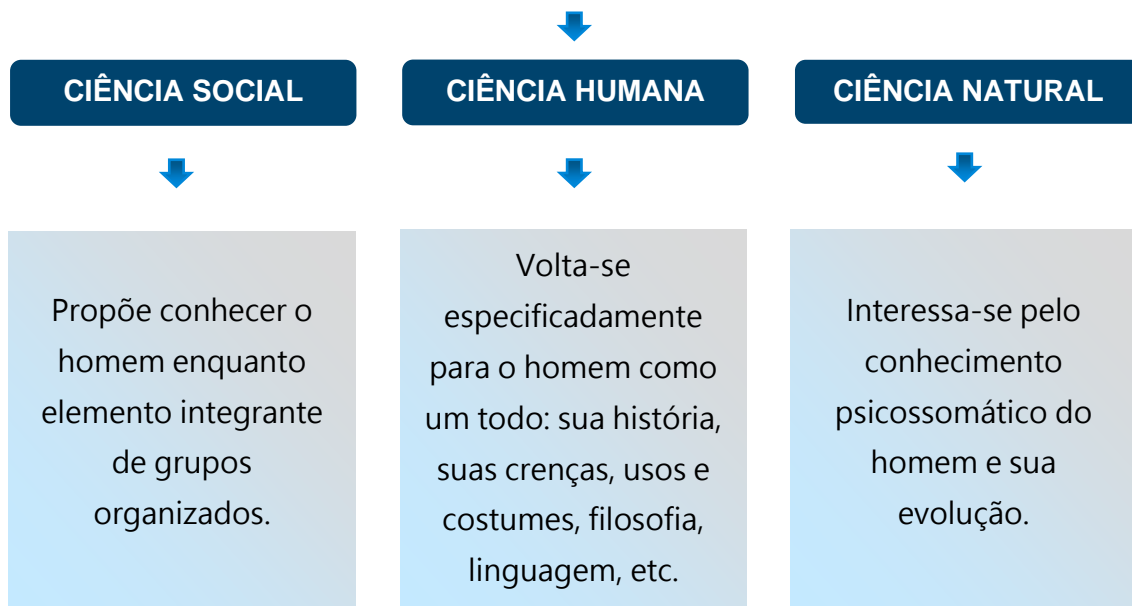
Para que serve a antropologia?

Podem parecer bobas as perguntas, mas não são. Quando afirmamos que antropologia é a ciência do homem estamos indo muito além, visto que existem várias ciências que estudam o homem, como a biologia, psicologia, sociologia.

PARECE COMPLICADO, MAS NÃO É!

Bem verdade que os diversos campos de estudo que abarcam a antropologia é vasto e diversificado na maneira de fazê-lo. Assim, existem antropólogos de diversos países e épocas que possuem temas e interesses diferentes uns dos outros.

Na busca da compreensão humana em sua totalidade, Marina de Andrade Marconi e Zélia Maria Neves Presoto, (2001: 23) confere a disciplina um tríplice aspecto:



Vemos, portanto, que a antropologia é muito mais ampla do que simplesmente o estudo do homem, mas se preocupa com o homem em todas as atividades geradas a partir de sua existência e vivência humana, em seu todo (seja no âmbito cultural, econômico, social, político, religioso, etc) e em diversos momentos históricos.

Relacionam-se, assim, como as chamadas ciências biológicas e culturais; as primeiras visando o ser físico e as segundas o ser cultural (MARCONI; PRESOTO, 2001)

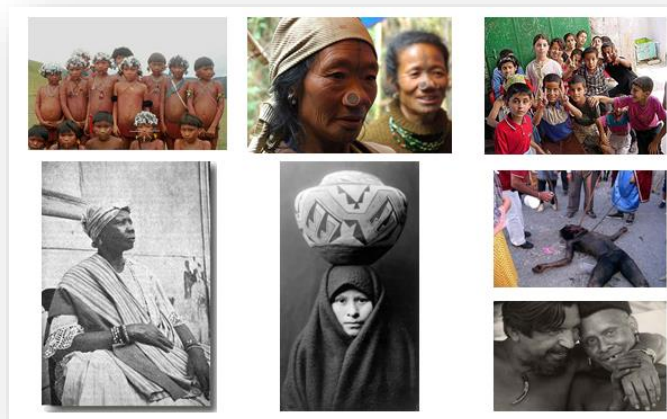


Imagem 4

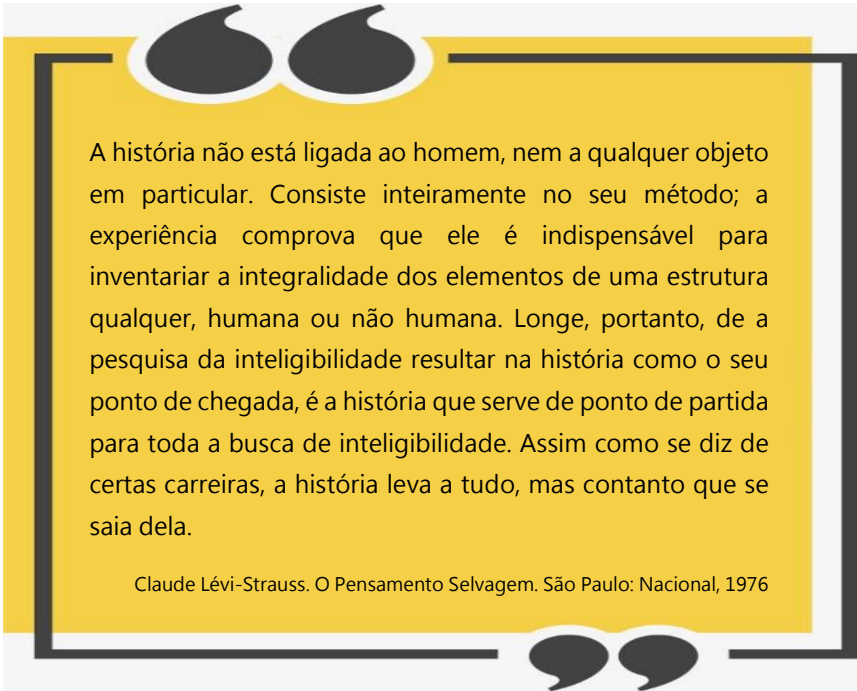
Ocasionada por sua diversidade e campos de interesse, a antropologia não sobrevive sozinha, precisa da colaboração de outras áreas do saber, mas possui uma unidade, vez que seu foco de interesse é o homem e a cultura. Neste sentido dialoga intensamente com a Sociologia, por lhe dar suporte para a compreensão deste homem social.

Parece claro a todos que o objeto de estudo da antropologia é, de fato, o homem e suas obras. Tais objetos englobam, desde as formas físicas primitivas, bem como as atuais e todas das formas de manifestações culturais. A compreensão destes princípios, constituem tarefa do antropólogo.

Vejam bem, para a minha formação profissional, em diversos campos de atuação, necessito compreender a evolução humana acima descrita para uma atuação crítica, ética, política, social e econômica da sociedade que me cerca. Tal fator me proporcionará entender o papel assumido enquanto ser individual e social do mundo que me cerca, sentindo agente e transformador do meio no qual vivo.

Hoje se observa que a antropologia cresceu: trabalhos publicados, mais especializações, mais teorias, mais técnicas de pesquisa. Mesmo com todos os problemas das ciências atuais, a antropologia deixou de ser criança e virou um adolescente.

Existe uma relação com a construção deste conhecimento e a todo momento a antropologia bebe nas águas profundas da interpretação histórica metodologicamente. De acordo do Claude Lévi-Strauss:



A história não está ligada ao homem, nem a qualquer objeto em particular. Consiste inteiramente no seu método; a experiência comprova que ele é indispensável para inventariar a integralidade dos elementos de uma estrutura qualquer, humana ou não humana. Longe, portanto, de a pesquisa da inteligibilidade resultar na história como o seu ponto de chegada, é a história que serve de ponto de partida para toda a busca de inteligibilidade. Assim como se diz de certas carreiras, a história leva a tudo, mas contanto que se saia dela.

Claude Lévi-Strauss. O Pensamento Selvagem. São Paulo: Nacional, 1976



Após esta breve introdução sobre a Sociotropologia **substituir por Antropologia**, o que acham de fazermos uma pesquisa sobre um dos maiores antropólogos da humanidade?

CLAUDE LÉVI STRAUSS. Seria uma forma de crescimento intelectual e profissional. Leia, depois vá até o portal do ambiente EAD e troque ideias a seu respeito. Será um prazer recebê-los por lá.

OS SENTIDOS DA ANTROPOLOGIA

CONCEITO

O termo antropologia deriva do grego, sendo formado a partir da junção de duas palavras: *Anthropos* (homem) e *Logos* (conhecimento). Significa em linhas gerais, portanto, conhecimento do homem. Por outro lado, nada é mais vago que esta definição, uma vez que qualquer área das ciências humanas também busca conhecer o ser humano. Definido o sentido etimológico do termo, portanto, à sua origem, é preciso definir de forma mais precisa o seu sentido concreto e o campo de estudos da antropologia, e podemos fazer isto, por exemplo, a partir da seguinte pergunta:

Porque, habitualmente, comemos frango assado aos domingos, mas não temos o hábito de comê-lo nos dias de semana?

Vejamos, então: nos domingos, as padarias colocam frangos assados girando na entrada (a popular televisão de cachorro), as pessoas compram, levam para casa e o almoço está garantido. Nos dias de semana o frango assado não é exposto e, quando as pessoas comem frango, normalmente é cozido, e não assado. Porque, em uma perspectiva antropológica, isto ocorre? A resposta a esta pergunta ajuda a esclarecer o sentido do conhecimento antropológico e, por isto, vamos trabalhar este tema, aparentemente trivial.

1- Domingo é um dia nobre; um dia que possui um sentido religioso que o diferencia dos demais dias da semana, que são dias profanos. A palavra domingo vem do latim *die dominicus*, que significa dia do senhor, assim como *dimanche* (domingo em francês) e *domenica* (domingo em italiano). Domingo, portanto, no Ocidente, é o dia consagrado a Deus, assim como os demais dias da semana, são consagrados ao trabalho profano. E no domingo, por ser o dia do Senhor, não se trabalha;

2- Domingo é o dia do lazer. É um dia festivo, *sunday* (domingo em inglês), significa dia de sol, assim como *sonntag* (domingo em alemão) também significa dia de sol. O domingo, portanto, é um dia consagrado e festivo: etimologicamente, é um dia ensolarado;

3- Toda civilização cria princípios referentes à alimentação, e um princípio universalmente presente e compartilhado em todas as civilizações historicamente conhecidas define a diferença entre a carne assada e a carne cozida. Universalmente, a carne assada é nobre em relação à carne cozida. Assar a carne confere a ela um status diferenciado, coloca-a a em um patamar superior, ao passo que a carne cozida é vista como alimento cotidiano. Ora, esta distinção universalmente aceita entre o assado e o cozido reflete-se na distinção cultural entre o frango assado e o frango cozido.



Figura 1



Figura 2

O frango assado, por ser assado, é nobre, destina-se a dias especiais, ao passo que o frango cozido é plebeu, vulgar, destina-se à refeição cotidiana. O domingo, por ser um dia nobre, é o dia no qual nos alimentamos de forma diferenciada. A alimentação, no domingo, não tem o sentido meramente utilitário que possui nos demais dias da semana. O almoço do domingo possui um sentido cultural que o diferencia e, por isto, o prato a ser servido também deve ser diferenciado: entre tantos outros, o frango assado, nobre precisamente por ser assado. Mas, então, o que isto tem a ver com a antropologia?

É a dimensão cultural e simbólica dos procedimentos humanos por exemplo, comer frango assado aos domingos que a antropologia busca compreender. Este é o seu campo de estudo e é a definição deste campo que a define enquanto ciência e a diferencia das demais disciplinas científicas que, para retomar a origem etimológica do termo, também buscam conhecer o homem.

Retomemos, ainda, o tema da alimentação. Em relação a este tema, há alguns tópicos a serem estudados e que nos ajudam a definir o sentido e o objeto de estudo da antropologia. Vamos a eles:

1- Animais comem por uma questão de sobrevivência e comem qualquer coisa que atenda às suas necessidades orgânicas. Nós, seres humanos, não agimos assim. Não comemos o que, culturalmente, não é aceitável como alimento, mesmo que este alimento corresponda às nossas necessidades orgânicas (carne de cachorro, por exemplo, no caso dos ocidentais, ou carne de porco no caso dos judeus, ou carne, de uma forma geral, quando se trata de vegetarianos). Nossa alimentação é culturalmente condicionada e é este condicionamento cultural que constitui o campo de estudo do antropólogo;

2- O ato de comer, para o ser humano, é um ato ritual. Compartilhar o alimento com outras pessoas representa a demonstração e celebração dos vínculos que nos unem a estas pessoas. Quando, por exemplo, o alimento e principalmente o bolo é compartilhado com os convidados em uma festa de casamento ou de aniversário, são reforçados e comemorados os vínculos que unem os convidados aos noivos e aniversariante, e é igualmente o evento aniversário ou casamento que é celebrado a partir do alimento a ser compartilhado.



FIGURA 3

Por isto, este alimento deve ser ritual, ou seja, festivo, não sendo admitido, ou sendo visto com pouco caso o famoso arroz-de-festa o alimento vinculado ao cotidiano. Imaginem uma festa de casamento no qual o único alimento servido aos convidados seja arroz e feijão!

O ser humano prepara o seu alimento. Não comemos o que a natureza nos fornece exatamente como ela nos fornece. Somos carnívoros, mas não comemos carne crua, por exemplo. E mesmo os vegetais devem passar por um processo de preparação. Quando fazemos isto, o alimento deixa de ser um produto natural e se transforma em um artefato, ou seja, em algo que é produzido a partir de padrões culturais.

Com isto, a antropologia pode ser definida como o estudo dos padrões e comportamentos culturais adotados pelo ser humano.

VÍDEOS INDICADOS



Aula 1 - Antropologia da alimentação

Para entendermos melhor sobre a antropologia da alimentação, você pode assistir esse breve vídeo, é só clicar ou copiar o link abaixo.

Link: <https://youtu.be/MY2nIY5e-mA>

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO

As atividades que se seguem servem como exercícios de fixação, após assistir a vídeo aula da unidade e realizar as leituras complementares, utilize-as para aprimorar os conhecimentos e caso tenha alguma dúvida entre em contato através do nosso fórum da 1ª etapa.

1. Leia os itens abaixo.
 - I. A antropologia esteve intimamente relacionada com o forte desenvolvimento e transformação do conhecimento científico, em particular com os processos relacionados com o evolucionismo biológico muito popular durante os séculos XVIII e XIX.
 - II. A era do Positivismo assentado na crença de que a ciência explicaria todo e qualquer fenômeno, levou durante esse período a se interessar e compreender a origem da espécie humana e perceber até que ponto as escrituras da Bíblia serviriam ou não de modelo explicativo para a origem da humanidade.
 - III. O estudo da antropologia surge associado às sociedades exóticas, distantes e ditas primitivas. Já durante o século XX muitos estados europeus, serviram da

antropologia ou da etnografia para procurar a essência e as tradições que melhor legitimariam a existência dos estados-nação, sendo esta tendência também conhecida por folclore.

Marque a alternativa **CORRETA** no que diz respeito a antropologia.

- a) Somente a opção III está correta.
- b) A opção I e II são falsas
- c) A opção I e III são falsas.
- d) As opções I, II e III são corretas.

2. O problema da identidade cultural no Brasil vem sendo colocado desde os primeiros trabalhos em Ciências Sociais no país, datados do século XIX. No correr do tempo, foi sendo abordado de ângulos diferentes, em ligação íntima com as condições sócio-econômicas nos diversos momentos em que se definia a identidade. Uma observação mais acurada mostra que há uma sinonímia entre os conceitos de identidade cultural e identidade nacional, ao contrário do que ocorre na Europa (QUEIROZ, Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil, 1989).

Assim afirmamos que.

- a) Toda cultura absorve traços de outras culturas, e, na grande maioria das vezes, ela ajusta à nossa vida.
- b) O contato e a mistura de grupos possibilitaram ao brasileiro uma cultura em via de mão única, sem influências de outros grupos.
- c) Não herdamos nada de nossos antepassados e por isso possuímos uma cultura tão diversificada.
- d) Temos influências apenas de traços africanos no país e é inexistente a influência indígena e portuguesa.

3. Desde que a cultura é aprendida, observamos que as pessoas que vivem em diferentes lugares, possuem diferentes culturas. É a cultura que faz com que a criança nascida no Brasil seja brasileira, e a criança nascida em Portugal seja portuguesa. Assim, existem trocas culturais entre os indivíduos que contrapõe a todo o momento as culturas entre os povos já estabelecidos. Notamos então, que o conceito de antropologia cultural
- a) está ligada a ideia de superioridade de um grupo em relação ao outro, e isto se dá na prática quando uma cultura sobrepõe a outra.
 - b) é um conjunto complexo de conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outros hábitos que o homem adquire durante a vida.
 - c) teve sua definição desde o século XVI quando estudiosos franceses analisaram grupos africanos e afirmara mexistir uma inferioridade deles em relação aos europeus.
 - d) está presente nos dias atuais com a ideia de que a cultura deve ser vista como algo desprendido do social.
4. Segundo LARAIA (1986. p.82), "nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. " Diante do exposto acima, todas as alternativas estão **CORRETAS, EXCETO.**
- a) O alto grau de sofisticação das sociedades simples impede que os indivíduos desempenhem todos os papéis possíveis à sua cultura.
 - b) Os indivíduos participam de sua cultura dentro de alguns limites como, por exemplo, sua faixa etária, sexo etc.
 - c) O Estado pode infringir alguns desses limites culturais, como determinar a idade de votação ou quando determina quem está apto à adoção de crianças.
 - d) O processo de socialização dos indivíduos é fundamental para que esses compartilhem os códigos de sua cultura e, portanto, esteja a esta integrada.

5. Usa-se o termo cultura como sinônimo de sofisticação, de sabedoria, de educação no sentido restrito do termo. Estamos nos referindo a certo estado educacional das pessoas, querendo indicar com isto sua capacidade de compreender ou organizar certos dados e situações. Cultura é muitas vezes equivalente a volume de leituras, a controle de informações, a títulos universitários e chega até mesmo a ser confundido com inteligência, como se a habilidade para realizar certas operações mentais e lógicas (que definem de fato a inteligência), fosse algo a ser medido ou arbitrado pelo número de livros que uma pessoa leu as línguas que pode falar, ou aos quadros e pintores que pode de memória, enumerar. De acordo com o exposto acima, marque a alternativa **CORRETA**.

- a) Cultura é uma palavra usada para classificar as pessoas e, às vezes, grupos sociais, servindo como uma arma discriminatória contra algum sexo, idade ("as gerações mais novas são incultas"), etnia ("os pretos não tem cultura") ou mesmo sociedades inteiras, quando se diz que "os franceses são cultos e civilizados" em oposição aos americanos que são "ignorantes e grosseiros"
- b) A palavra cultura, enquanto categoria do senso-comum ocupa um importante lugar no nosso acervo conceitual, ficando lado a lado de outras, cujo uso na vida cotidiana é também muito comum. Portanto, ela está sempre voltada para todos, sem qualquer tipo de discriminação.
- c) É aquilo que singulariza todos e cada um de nós como uma pessoa diferente, com interesses, capacidades e emoções particulares, por isso está voltada para todos os grupos, sem exclusão.
- d) É usada como um marco para algo desejável e invejável de uma pessoa. Quando um antropólogo social fala em "cultura", ele usa a palavra como um conceito chave para a interpretação da vida social dos animais.

GABARITO

QUESTÃO 1 A

QUESTÃO 2	A
-----------	---

QUESTÃO 3	B
-----------	---

QUESTÃO 4	A
-----------	---

QUESTÃO 5	A
-----------	---

UNIDADE II – HOMEM E NATUREZA

OBJETIVOS

- Características biológicas e culturais do homem nos diferentes grupos e épocas.
- Crenças, valores, comportamentos e organização.
- Compreender a relação entre a Revolução Industrial e o surgimento da sociologia;
- Analisar o Positivismo enquanto ciência e o seu papel enquanto Filosofia Positiva.

COMO SURTIU A SOCIOLOGIA?

Para respondermos à pergunta é necessário voltarmos a Grécia antiga e fazermos uma revisão histórica passando pela Idade Medieval, Moderna até chegarmos ao século XXI.

Na Grécia antiga o homem procurava explicações inicialmente para aquilo que lhe estranhava e o que lhe incomodava. Buscava respostas através do senso comum, do misticismo, da tradição. Em consequência da busca humana para explicações das coisas, muitos campos do conhecimento surgem, como uma forma de rompimento de um mundo místico.

Dentre alguns filósofos gregos que se destacaram podemos citar: Sócrates, Platão e Aristóteles.



Sócrates baseado no método de perguntas e respostas procurava soluções às indagações para o entendimento do ser humano. Partia sempre daquilo que não conhecia, pela ignorância. Na sua visão o homem seria o artífice de sua felicidade ou infelicidade.

Platão terá uma preocupação voltada para o entendimento do social.

Filho de família nobre e interessado pelos estudos políticos, afirma que, mesmo a Grécia possuindo os primeiros traços de um governo democrático, não poderia ser considerada uma democracia plena, já que era uma sociedade extremamente hierarquizada.

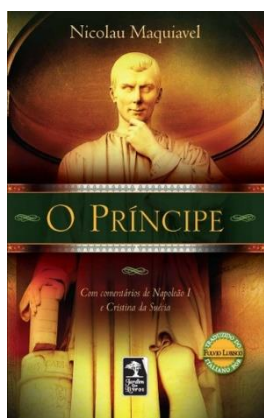
Aristóteles um dos maiores filósofos gregos afirmava que o homem é um ser social por natureza e baseado em um mundo real chega à conclusão de que as coisas seriam formadas por um conjunto de coisas singulares, uno e universal. Assim, não havia nenhum indivíduo como o outro. João era único, bem como José. Mesmo sendo gêmeos univitelinos eram indivíduos que possuíam sua especificidade própria.

Na Idade Média o entendimento social se volta para a Igreja. Todos os conhecimentos deveriam ser produzidos baseados no teocentrismo (Deus o centro de todas as atenções) Daí as produções serem voltadas para explicações do homem enquanto ser possuidor de fé. Santo Agostinho, por exemplo, em sua obra *A Cidade de Deus*, achava que entre os homens e a cidade reinava o pecado. Propunham então, normas para que o homem se libertasse do pecado descrevendo a sociedade numa perspectiva religiosa muito acentuada.

Porém, com a evolução e expansão comercial, a nova ordem social passa a predominar. Novas relações sociais são criadas. Era necessário ao homem moderno, adequar as mudanças ocorridas na sociedade. O período é turbulento, o conhecimento se volta para a descoberta do homem e do mundo que o rodeia e não mais algo puramente espiritual, a ponto de ser considerado por Eric Hobsbawm (HOBBSAWM, 2005) como a *Era das Revoluções*.

A cada desenvolvimento humano, seja no campo econômico, social, cultural, religioso e econômico, mais o homem lhe exigia para obter explicações racionais.

DICA DE LEITURA!



Ler a obra de Maquiavel: “**O Príncipe**” (pelo menos o capítulo XVIII). Tal leitura lhe possibilitará entender como se organizavam os governantes da Idade Moderna e quais as dicas utilizadas por Maquiavel para ser um bom governante.

Um pouco mais livre, o homem pode a partir do Renascimento redescobrir o valor e o prazer de chegar mais perto do entendimento do mundo. Seria, pois, necessário entender melhor a vida social e como era organizada a sociedade, como os homens se comunicavam, alimentavam, brincavam, trabalhavam, relacionavam etc; para então, ter certo controle sobre esta mesma sociedade buscando através de explicações lógicas seu entendimento.

A sociologia como ciência surge, pois, num momento em que as explicações místicas e conhecimentos baseados em senso comum, não mais dão explicações plausíveis ao homem, mas poderia ser analisada por cientistas, numa tentativa de explicação racional da realidade social.

Assim, estudar sociologia não pode ser um processo simplesmente rotineiro de acúmulo de conhecimentos. É necessário pensar e ver estes hábitos além, pensar as coisas e acontecimentos num contexto mais abrangente.

De acordo com C Wright Mills (MILLS, 1960), a sociologia deve voltar para as coisas do dia a dia das pessoas. O que a princípio pode não aparentar significado algum, mas pode esconder ou ocultar detalhes que analisados de maneira mais abrangente nos proporcionará respostas profundas relativas aos indivíduos e seus relacionamentos sociais.



Imagem 1 - de [Gabriel Alva](#) por [Pixabay](#)

O fato de tomar um café com os amigos pode ser uma ilustração interessante. Os valores simbólicos instituídos a partir do tomar um café, podem ser maiores do que simplesmente o ato de tomar um café em si.

Quando voltamos à atenção para as relações que envolvem a matéria prima (café) e toda implicação gerada a partir de sua produção até o ato de degustá-lo, pode ser questionado de maneira profunda: como o valor do produto, as relações de compra e venda o plantio, colheita, cultivo e preparo etc.

Apesar de ser uma ação que se repete sempre pode ser analisada de uma maneira mais intensa.

A sociologia é, portanto, o resultado de uma tentativa de compreensão de situações sociais, que podem ser novas ou não, criadas a partir do nascimento da sociedade capitalista, não que não tenha sido sutilmente enfatizada por períodos anteriores.

Mas ela é também muito mais do que uma tentativa de explicar reflexivamente a sociedade moderna, pois, busca através de análises práticas, um desejo ou mesmo uma vontade de interferir nos destinos da civilização humana.

Na sociologia, toda e qualquer ação é importante, incluindo todos os interesses que afligem os grupos e classes sociais, que são divergentes e diversos.

Vemos que a sociologia possui vastas possibilidades de investigação, e com a antropologia não é diferente, como visto na postagem anterior.

A DUPLA REVOLUÇÃO

A sociologia surgiu a partir da necessidade de compreender o que o historiador inglês Eric Hobsbawm chamou de “a dupla revolução” , que compreende a Revolução Francesa, ocorrida em 1789 e, Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra. Para entender o que levou à criação da Sociologia, vamos falar um pouco destas duas revoluções.

A Revolução Francesa teve seu ponto de partida no episódio conhecido como “A Queda da Bastilha” , ocorrido em 14 de julho de 1789, quando a população de Paris foi às ruas em protesto contra o rei Luís XVI, que exercia, até então, um poder absoluto. Foram eleitos, então, os Estados Gerais (Congresso de Representantes do Povo Francês), foi promulgada uma Assembleia Constituinte e a França se transformou em uma monarquia constitucional.

**“A sociologia é,
portanto, o
resultado de uma
tentativa de
compreensão de
situações sociais,
que podem ser
novas ou não”**

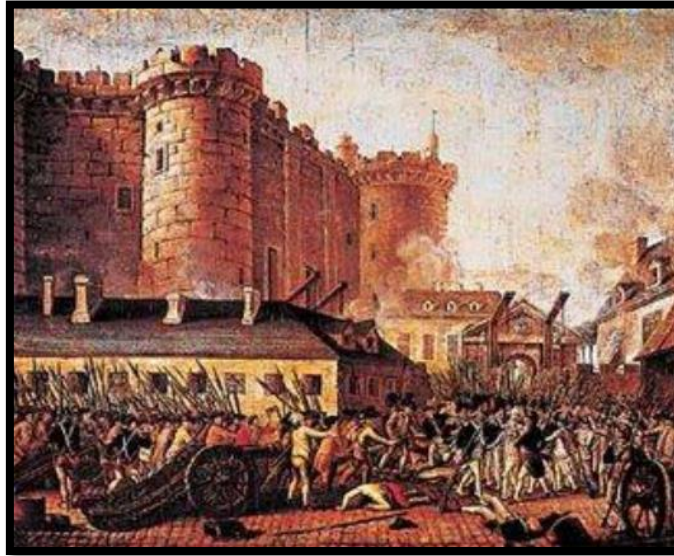
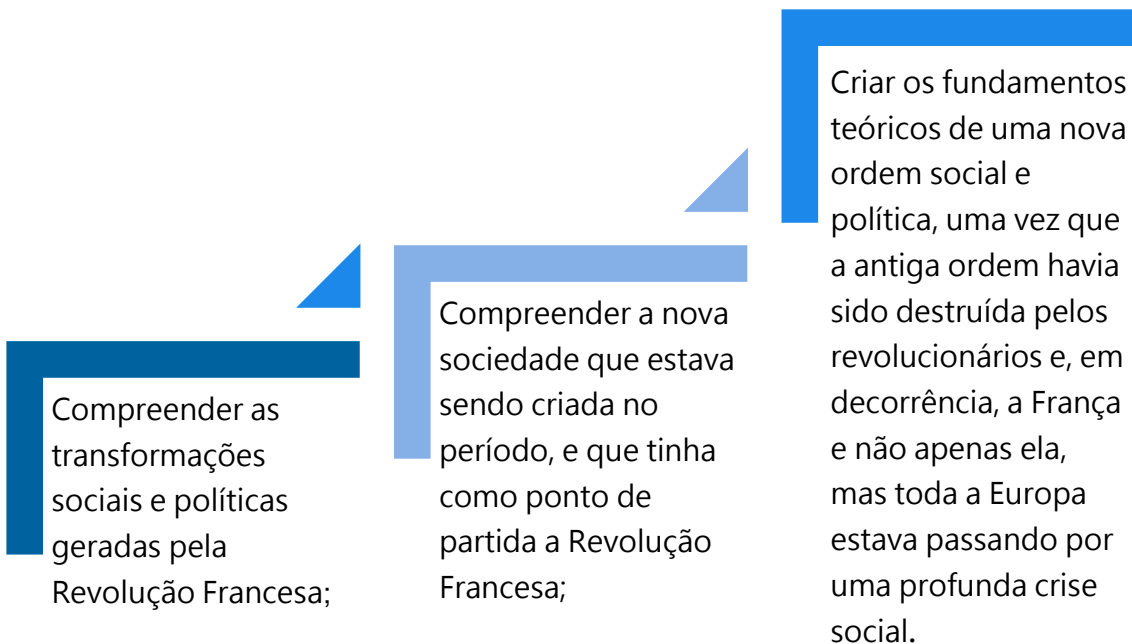


Imagem 2 – Revolução Francesa

Mais tarde, o rei seria deposto e executado e a França se transformaria em uma república. E, no início do século XIX, Napoleão Bonaparte, depois de assumir o poder, faria se coroar imperador, com a França novamente se transformando em monarquia, até a família real dos Bourbon, deposta pela Revolução, reassumir o poder em 1815 e governar até 1830.

Mas, fica então a pergunta: O que a sociologia tem a ver com a Revolução Francesa?

A sociologia surgiu na França, na primeira metade do século XIX, a partir do trabalho de autores como Auguste Comte, nascido em 1798 e falecido em 1857 (que criou a expressão sociologia) e Alexis de Tocqueville, nascido em 1805 e falecido em 1859 (que escreveu um livro sobre a Revolução Francesa, chamado “O Antigo Regime e a Revolução”), a partir das seguintes preocupações e objetivos:



A sociologia, portanto, surgiu para responder às demandas criadas pela Revolução Francesa, mas, outra revolução, na Inglaterra se espalhou pela Europa - a Revolução Industrial-, também foi um dos fatores que propiciaram o surgimento desta ciência.

Não se tratou, no caso, de uma revolução política. A Revolução Industrial, cujas origens podem ser datadas em aproximadamente 1760, tendo durado até aproximadamente 1840, foi um conjunto de transformações econômicas e sociais que fizeram com que a indústria se transformasse no principal setor da economia, substituindo o trabalho artesanal até então predominante. Com isto, a burguesia industrial se transformou na nova classe dominante, e uma nova classe social, até então praticamente inexistente - o operariado -, surgiu no cenário social da época.



**Mas, novamente, fica a pergunta:
O que o surgimento da sociologia tem a ver com isto?**

A Revolução Industrial transformou toda a sociedade do período, ou seja:

Criou novas classes sociais;

Fez com que a burguesia consolidasse seu poder como a classe dominante;

Gerou um rápido e inédito processo de industrialização e urbanização, em um meio social até então predominante rural.



IMAGEM 3 – URBANIZAÇÃO

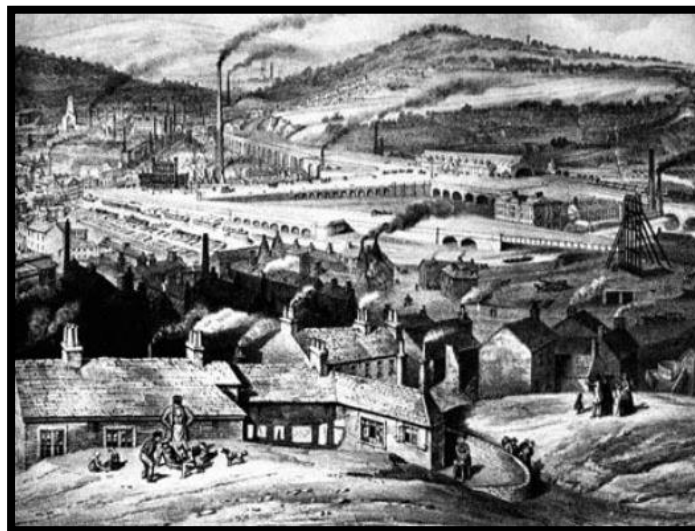


IMAGEM 4 - DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO



IMAGEM 5 – PROLETARIADO

A SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA

Observamos na última postagem que a sociologia insere num momento de intensas mudanças, o que tem um relacionamento profundo com as alterações no modo de vida dos seres humanos. Mas foi Augusto Comte (1798-1857) o grande precursor da sociologia, por usar pela primeira vez o nome da palavra, em 1839 em seu curso de filosofia positiva. Mas é claro que muitos pesquisadores, antes e depois de Comte, auxiliaram para que o pensamento sociológico fosse considerado científico.

A sociologia, assim como havia surgido para tentar compreender as transformações geradas pela Revolução Francesa, surgiu também como uma tentativa de compreensão do impacto causado pela Revolução Industrial. E, no caso, foi Karl Marx, nascido em 1818, na Alemanha, e falecido em 1883, mas que passou boa parte de sua vida na Inglaterra, quem mais se dedicou ao estudo da Revolução Industrial. Marx nunca se considerou um sociólogo, mas, em seu trabalho, ao criar conceitos como luta de classes, materialismo histórico e determinismo ideológico, terminou por criar alguns dos alicerces da sociologia enquanto conhecimento científico.

O pensamento de Comte refletia exatamente a sociedade no qual ele vivia. Um período de intensas revoluções.

Tal cientista via a Sociologia como uma ciência *positiva* acreditando que a disciplina deveria ser aplicada aos estudos da sociedade, baseada em métodos científicos rigorosos, como a física e a química.

POSITIVISMO

A primeira corrente de pensamento sociológico propriamente dito foi o Positivismo, a primeira teoria a organizar alguns princípios a respeito do homem e da sociedade tentando explicá-los cientificamente. Seu primeiro representante e principal sistematizador foi o pensador francês Augusto Comte.

O Positivismo derivou do “cientificismo”, isto é, da crença e poder exclusivo e absoluto da razão humana em conhecer a realidade e traduzi-la sob a forma de leis naturais. Essas seriam a base da regulamentação da vida do homem, da natureza como um todo e do próprio universo. Seu conhecimento deveria substituir as explicações teológicas até então aceitas.

O Positivismo reconhecia que os princípios reguladores do mundo físico e do mundo social diferem quanto a sua essência, os primeiros diziam respeito a acontecimentos exteriores aos homens, os outros as questões humanas. Entretanto, a crença na origem natural de ambos teve o poder de aproximá-los. Além disso, a rápida evolução dos conhecimentos das ciências naturais: física, química biologia; e o visível sucesso de suas descobertas no incremento da produção material, controle das forças da natureza atraíram os primeiros cientistas sociais, para o seu método de investigação. Essa tentativa de derivar as ciências sociais das ciências físicas é patente nas obras dos primeiros a estudarem metodicamente a realidade social. O próprio Comte deu inicialmente o nome de “física social” as suas análises da sociedade, antes de criar o termo “sociologia” .

Entretanto, não era apenas quanto ao método de investigação que essa filosofia social positivista se aproximava das ciências da natureza. A própria sociedade foi

concebida como um organismo constituído de partes integradas e coesas que funcionavam harmonicamente, segundo um modelo físico ou mecânico. Por isso o Positivismo foi chamado também de organicismo.

Podemos apontar, portanto, como primeiro princípio teórico desta escola a tentativa de construir seu objeto, pautar seus métodos e elaborar seus conceitos à luz das ciências naturais, procurando, dessa maneira, chegar à mesma objetividade e ao mesmo êxito nas formas de controle sobre os fenômenos estudados.

Imagem 6 - Émile Durkheim



Vimos que Augusto Comte tem um papel preponderante na origem da Sociologia, mas foi **Émile Durkheim** (1858-1917) o grande colaborador para separar a Sociologia das Ciências Sociais e constituí-la definitivamente como disciplina rigorosa.

Abarcando um conhecimento extenso houve uma necessidade das Ciências Sociais se dividirem em diversas disciplinas, para facilitar a sistematização dos estudos e das pesquisas. Hoje abrange a Sociologia, a Economia, a Antropologia e a Política.

O IMPERIALISMO E O CONHECIMENTO

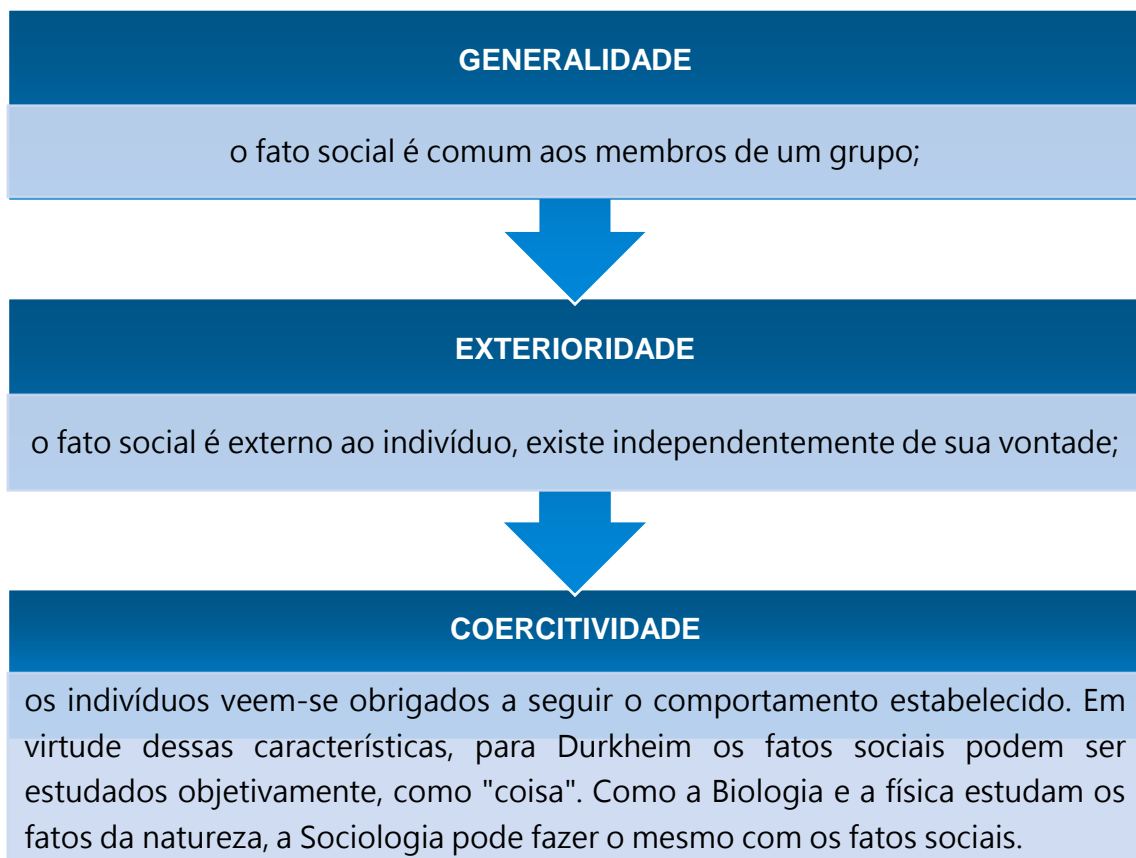
Foi Durkheim quem formulou as primeiras orientações para a Sociologia e demonstrou que os fatos sociais têm características próprias, que os distinguem dos que são estudados pelas outras ciências. Para ele, a Sociologia é o estudo dos Fatos Sociais.

Um exemplo simples elaborado pelo professor Pêrsio Santos de Oliveira (OLIVEIRA, 2000), nos ajuda a entender o conceito de fato social, segundo Durkheim:

Se um aluno chegasse à escola vestido com roupa de praia, certamente ficaria numa situação muito desconfortável: os colegas ririam dele, o professor lhe daria uma enorme bronca e provavelmente a direção o mandaria de volta para pôr uma roupa adequada. Existe um modo de vestir, que todos seguem. Isso é estabelecido.

Quando ele entrou no grupo, já existe tal norma quando ele sair, a norma provavelmente permanecerá. Quer a pessoa goste, quer não, vê-se obrigada a seguir o costume geral. Se não o seguir, sofrerá uma punição. O modo de se vestir é um fato social. São fatos sociais também a língua, o sistema monetário, as religiões, as leis e uma infinidade de outros fenômenos do mesmo tipo.

Para Durkheim, os fatos sociais são os modos de pensar, sentir e agir de um grupo social. Embora existam na mente do indivíduo, são exteriores a ele e exercem sobre ele poder coercitivo. Podemos dizer que os fatos sociais têm as seguintes características:



Alguns países europeus, como a Inglaterra, a França, a Bélgica, a Alemanha e a Holanda, criaram, na segunda metade do século XIX e no início do século XX, impérios que abrangeram praticamente toda a África e boa parte da Ásia, transformando territórios asiáticos e africanos em colônias e protetorados europeus.

Destes países, foi a Inglaterra quem criou o império mais vasto. Na África, o que hoje são o Quênia, Uganda, Zimbabwe e África do Sul, por exemplo, faziam parte do império inglês e, na Ásia, a Índia, a China e o Oriente Médio ficaram sob domínio inglês.

Ao criar este império, a Inglaterra se viu diante de povos que, até então, eram praticamente desconhecidos dos europeus, e se viu diante da necessidade de compreendê-los para melhor governá-los. E foi esta necessidade, principalmente, que fez surgir a antropologia, inicialmente, uma disciplina científica voltada para a compreensão de outros povos. Além disso, podemos considerar que a sociologia, nos períodos iniciais de seu desenvolvimento enquanto ciência foi uma disciplina essencialmente inglesa, tendo como seus precursores entre outros, autores ingleses como James Frazer, nascido em 1854 e falecido em 1941, que publicou em 1891, um livro em 12 volumes e com milhares de páginas, chamado “O ramo de ouro” e, Edward Burnett Tylor, nascido em 1832 e falecido em 1917.

Os primeiros antropólogos foram evolucionistas, ou seja, acreditavam na existência de uma escala evolutiva da humanidade na qual os povos vistos como primitivos (que, não por acaso, eram os povos dominados pelos ingleses) situavam-se no nível mais baixo da escala, ao passo que os povos europeus, ou seja, os povos que dominavam os impérios criados na Ásia e na África) possuíam uma cultura superior, que deveria ser transmitida aos povos culturalmente inferiores e assimilada por estes.

O imperialismo pode ser compreendido como o domínio de vastas áreas do planeta – África e Ásia-, nos séculos XIX e XX pelas nações industrializadas, entre elas a Inglaterra, França, Alemanha, Holanda e Bélgica e, mais tarde, Estados Unidos e Japão. Dentre os motivos que justificavam o imperialismo podemos citar:

- Conquista de novos mercados consumidores;
- Busca de matéria-prima;
- Missão civilizadora;
- Crescimento demográfico da população europeia;

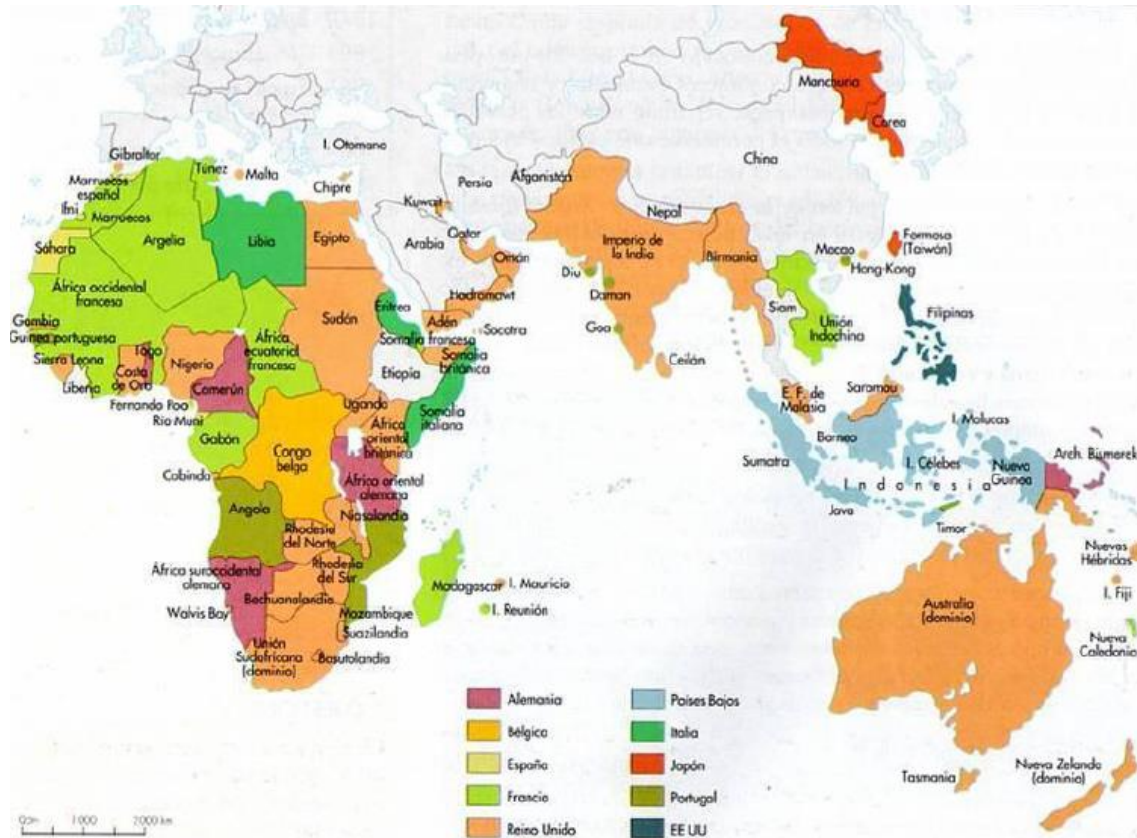


IMAGEM 07 - PARTILHA DA ÁFRICA E ÁSIA NO PERÍODO DO IMPERIALISMO INÍCIO DO SÉCULO XX

O evolucionismo predominante no primeiro período da antropologia - o período de criação e consolidação da disciplina - seria muito criticado, nas primeiras décadas do século XX, por antropólogos ingleses como Bronislaw Malinowski, nascido em 1884 e falecido em 1942 e Radcliffe-Brown, nascido em 1881 e falecido em 1955, que criaram o chamado funcionalismo.

Para estes autores, as culturas dos povos que os autores evolucionistas consideravam como inferiores não eram necessariamente inferiores. Apenas eram culturas que correspondiam às necessidades destes povos e “funcionavam” adequadamente no contexto em que estes povos viviam, daí o nome funcionalismo. O que os povos africanos faziam, por exemplo, não era necessariamente inferior ao que os europeus faziam. Era apenas diferente, mas, funcionava do mesmo jeito.

A antropologia surgiu, então, do contato de pesquisadores europeus com povos dotados de outras culturas e outros costumes, sendo que, posteriormente, o

conhecimento antropológico seria, e ainda é, utilizado para a compreensão de nossa própria cultura e de nossos próprios costumes. É neste sentido que o utilizamos hoje, e é neste sentido que, hoje, ele é de grande valia para todos nós.

OS PRECURSORES DA SOCIOANTROPOLOGIA

O ser humano sempre se empenhou em compreender o meio social em que vive e não é preciso ser um pesquisador para ter este interesse. Qualquer pessoa que viva em sociedade quer e precisa compreender o seu ambiente social, inclusive para poder ser aceita por seus semelhantes. Imagine, afinal, uma pessoa vivendo em uma sociedade que, para ela, é completamente desconhecida.

Desde as suas origens, portanto, o ser humano criou mecanismos de compreensão da sociedade e escreveu a respeito. Autores de textos religiosos escritos na Antiguidade, por exemplo, bem como de textos literários e de textos filosóficos, já se preocuparam em refletir sobre o mundo no qual viviam. Neste sentido, se buscarmos os precursores da socioantropologia, poderíamos remeter até mesmo a esses autores, mas, neste caso, o campo de ideias e autores a serem pesquisados seria tão vasto que qualquer tentativa de síntese seria praticamente inviável.

Por outro lado, é importante destacarmos alguns autores que criaram ideias que permitiram que, no século XIX, tanto a sociologia quanto a antropologia surgissem como disciplinas científicas dotadas de autonomia, englobando o que hoje podemos chamar de socioantropologia. E, para compreendermos a importância das ideias de alguns destes autores, mas, sem estender demais o período a ser estudado, iremos limitar ao estudo da obra de dois autores franceses que viveram no século XVIII, Montesquieu e Rousseau.



IMAGEM 8 : MONTESQUIEU:
IMPORTANTE FILÓSOFO DO ILUMINISMO

Nascido em 1689 e falecido em 1755, Montesquieu é conhecido, principalmente, como autor de *O espírito das leis*, publicado em 1748. Neste livro, de grande importância também para o direito e a ciência política, Montesquieu cria, por exemplo, a teoria da separação dos poderes, a partir da qual é defendida a separação do poder em três esferas, que são o executivo, o legislativo e o judiciário. E com isto, o autor criou um dos fundamentos da teoria democrática contemporânea, uma vez que não pode haver democracia sem esta separação.



FIGURA 09 – JEAN-JACQUES
ROUSSEAU

Jean-Jacques Rousseau, nascido em 1712 e falecido em 1778, buscou compreender as origens da sociedade e afirmou que esta nasce de um acordo feito pelas pessoas, que cedem uma parte de sua liberdade em troca da proteção que a sociedade pode lhes oferecer. Com isto, a sociedade, para ele, cria o que ele chamou de vontade geral, ou seja, uma vontade superior à vontade dos indivíduos e que termina prevalecendo sobre a vontade de cada um.

O que tornou Montesquieu um precursor da socioantropologia, contudo, foi a seguinte ideia desenvolvida pelo autor: para ele, **as leis existentes em um país apenas podem ser compreendidas se as relacionarmos com o modo de vida existente neste país, ou seja, com os hábitos, crenças e costumes ali vigentes.** É isto que forma o que ele chama de espírito das leis, que apenas pode ser compreendido a partir do estudo da sociedade na qual estas leis estão em vigor. O espírito das leis, então, é esta relação entre lei e sociedade.

“as leis existentes em um país apenas podem ser compreendidas se as relacionarmos com o modo de vida existente neste país, ou seja, com os hábitos, crenças e costumes ali vigentes.”

Se, por exemplo, são criadas leis no Brasil que contrariem os costumes e hábitos aqui vigentes, estas leis poderão até existir no papel, mas, não irá “pegar” , ou seja, não terão validade prática, porque não serão aceitas pelos brasileiros. Não basta, então, as leis existirem, é preciso que o espírito das leis esteja de acordo com os costumes, crenças e hábitos vigentes, ou seja, com a chamada identidade nacional.

De fato, muitas vezes fazemos coisas que não derivam diretamente de nossa vontade, mas, de normas e desejos que a sociedade nos impõe. Assistimos a filmes e ouvimos músicas que todos estão ouvindo, compramos coisas que estão na moda, participamos de manifestações das quais outras pessoas estão participando. É isto que Rousseau chama de vontade geral, e ter descoberto esta vontade o transformou em um dos precursores da sociologia.

A SOCIOANTROPOLOGIA E O DIREITO

O direito pode ser definido como a normatização do uso do poder. Afinal, é a norma jurídica que define o que pode ou não ser feito, tanto por parte do cidadão quanto por parte do governante e, fazendo isto, ela define, consagra e normatiza o poder exercido por cada um. Um governante não pode, por exemplo, fazer tudo o que quiser, uma vez que há normas constitucionais que definem e delimitam o seu poder. E se ele infringir as normas poderá ser punido, inclusive com a perda de seu mandato.

Já o cidadão não pode impor a sua vontade perante as demais pessoas da forma como bem entende, devendo obedecer à norma jurídica referente a cada ato que venha a cometer. E, quando ele age de forma contrária a esta norma, estará exercendo o seu poder de forma ilegal, devendo, também, ser punido por isto.



Mas, o que a socioantropologia tem a ver com isto?

As leis, como Montesquieu já havia assinalado, são criadas em sociedades específicas e tanto a sua elaboração quanto a sua prática cotidiana apenas podem ser compreendidas quando situadas na sociedade nas quais foram feitas. Para que, por exemplo, o estudante de direito possa compreender a legislação brasileira, não é possível estudá-la apenas na esfera jurídica. É preciso compreender como funciona a sociedade na qual ela foi feita, uma vez que é o que a sociedade brasileira tem de diferente das demais que torna a legislação brasileira diferente das demais.

A socioantropologia, ao estudar a sociedade e a cultura, permite ao estudante pensar o direito de uma forma mais ampla, ou seja, não apenas de uma forma jurídica, mas, também, de uma forma social e cultural. E isto é fundamental para compreender como o direito funciona, não apenas na teoria, mas também na prática.

DICA DE VÍDEO!



Para entendermos melhor sobre o tripé da sociologia, você pode assistir esse breve vídeo, é só clicar ou copiar o link abaixo.

Link: https://youtu.be/T_tUOFvGEWg

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO

As atividades que se seguem servem como exercícios de fixação, após assistir a vídeo aula da unidade e realizar as leituras complementares, utilize-as para aprimorar os conhecimentos e caso tenha alguma dúvida entre em contato através do nosso fórum da 1ª etapa.

1. UEM (2011) - Sobre a relação entre a revolução industrial e o surgimento da sociologia como ciência, assinale o que for **CORRETO**.
 - a) A consolidação do modelo econômico baseado na indústria conduziu a uma grande concentração da população no ambiente urbano, o qual acabou se constituindo em laboratório para o trabalho de intelectuais interessados no estudo dos problemas que essa nova realidade social gerava.
 - b) A migração de grandes contingentes populacionais do campo para as cidades gerou uma série de problemas modernos, que passaram a demandar investigações visando à sua resolução ou minimização.
 - c) Os primeiros intelectuais interessados no estudo dos fenômenos provocados pela revolução industrial compartilhavam uma perspectiva positiva sobre os efeitos do desenvolvimento econômico baseado no modelo capitalista.
 - d) Os conflitos entre capital e trabalho, potencializados pela concentração dos operários nas fábricas, foram tema de pesquisa dos precursores da sociologia e continuam inspirando debates científicos relevantes na atualidade.

2. Nicolau Maquiavel (1469-1527) iniciou uma nova fase do pensamento político ao abandonar o enfoque ético ou religioso e procurar uma abordagem mais realista da política. O centro de suas reflexões é o exercício do poder político pelo Estado. Em seu livro mais célebre, O Príncipe, ele desenvolve um realismo político, identificando as causas do sucesso ou do fracasso na manutenção do poder pelo governante. Para ele, as razões políticas estão completamente desvinculadas das razões morais. Assim,
 - a) o recurso à força para conter a maldade humana, faz parte da lógica do poder político.
 - b) o príncipe deve ser um súdito dos seus fiéis, pois possibilita a manutenção no poder.
 - c) a sociedade estará sempre tranquila, e nunca ocorrerão desavenças e/ou desentendimentos.

- d) só cabe ao príncipe obedecer aos seus superiores e ao povo ele deve ser seu seguidor.
3. Auguste Comte foi um pensador positivista que propôs uma nova ciência social à Sociologia, que inicialmente foi chamada de Física Social. Sobre os princípios dessa ciência, marque a alternativa **CORRETA**.
- a) No estágio positivo, a vida social será explicada pela antropologia, triunfando sobre todas as outras formas de pensamento.
 - b) A imposição da indisciplina era, para os positivistas, uma função primordial da escola, pois ali os membros de uma sociedade aprenderiam, desde pequenos, a importância da obediência e da hierarquia.
 - c) A maturidade do espírito seria encontrada na ciência; por isso, na escola de inspiração positivista, os estudos literários e artísticos prevalecem sobre os científicos.
 - d) Defendeu a necessidade de substituir a educação europeia, ainda essencialmente teológica, metafísica e literária, por uma educação positiva, conforme o espírito da civilização moderna.
4. (PUC MG/2002) A bandeira do Brasil foi pensada no contexto da construção do Estado Republicano nos anos iniciais da República Velha. Seu lema, Ordem e Progresso, expressava:
- a) a ideologia marxista: progresso material com ordem constitucional.
 - b) o pensamento socialista: progresso industrial com ordem militar.
 - c) o ideário positivista conservador: progresso econômico com ordem social.
5. (Mundo Educação) A sociologia, para Durkheim, deveria ocupar-se do estudo das sociedades no intuito de:
- a) conhecer a fundo o ser humano e suas diversas facetas perante a sua interação com o outro, priorizando sua individualidade.

- b) Entender a fundo os processos sociais que formam a realidade social do Homem, atentando principalmente aos aspectos gerais, e não aos individuais.
- c) Descobrir e tratar todos os males humanos que afligem a sociedade, tendo como objetivo a formação de uma raça humana perfeita.
- d) A criação de uma seita científica, com o objetivo de construir o verdadeiro conhecimento em busca da perfeição humana.

GABARITO

QUESTÃO 1 A

QUESTÃO 2	A
-----------	---

QUESTÃO 3	D
-----------	---

QUESTÃO 4	C
-----------	---

QUESTÃO 5	B
-----------	---

UNIDADE III – CULTURA E SOCIEDADE

OBJETIVOS

- Conceituar cultura bem como perceber suas variações.
- ✓ Entender que a cultura é um distintivo relacionada a determinada sociedade e que pode variar de grupo para grupo.

CULTURA: UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO

O Conceito antropológico de cultura passa necessariamente pelo dilema da unidade biológica e a grande diversidade cultural da espécie humana. Há um dilema que permanece como tema central de numerosas polêmicas e que aponta para a preocupação há muito presente, como a diversidade existente entre os diferentes povos.

Desde a Antiguidade, foram comuns as tentativas de explicar as diferenças de comportamento entre os homens, a partir das variações dos ambientes físicos. No entanto, logo os estudiosos concluíram que as diferenças de comportamento entre os homens não poderiam ser explicadas através das diversidades somatológicas ou mesológicas. Tanto o determinismo geográfico quanto o determinismo biológico foram incapazes de resolver o dilema, pois o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado chamado de endoculturação, ou seja, um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada.

Da mesma forma, as diferenças entre os homens não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper em suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura.

Apesar da dificuldade que os antropólogos enfrentam para definir a cultura, não se discute a sua realidade. A cultura se desenvolveu a partir da possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico. Isto significa afirmar que tudo o que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes, não decorre de imposições originadas fora da cultura.

A comunicação oral torna-se então um processo vital da cultura: a linguagem é um produto da cultura, mas ao mesmo tempo não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral.

A cultura desenvolveu-se simultaneamente com o próprio equipamento biológico humano e é, por isso mesmo, compreendida como uma das características da espécie, ao lado do bipedismo e de um adequado volume cerebral. Uma vez parte da estrutura humana, a cultura define a vida, e o faz não através das pressões de ordem material, mas de acordo com um sistema simbólico definido, que nunca é o único possível. A cultura, portanto, constitui a utilidade, serve de lente através da qual o homem vê o mundo e interfere na satisfação das necessidades fisiológicas básicas. Embora nenhum indivíduo conheça totalmente o seu sistema cultural, é necessário ter um conhecimento mínimo para operar dentro do mesmo. Conhecimento mínimo este que deve ser compartilhado por todos os componentes da sociedade de forma a permitir a convivência dos mesmos.

A cultura estrutura todo um sistema de orientação que tem uma lógica própria. Já foi o tempo em que se admitia existir sistemas culturais lógicos e sistemas culturais

pré-lógicos. A coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada a partir do sistema a que pertence. Todas as sociedades humanas dispõem de um sistema de classificação para o mundo natural que constitui categorias diversificadas e com características próprias.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

OBJETIVOS E CAMPOS ANTROPOLÓGICOS

Diante dessas vastas possibilidades de investigação antropológica é necessário uma divisão de seus campos para um melhor entendimento, para que não nos percamos. Seus objetos são bem definidos e possuem interesses teóricos próprios:

Antropologia Física ou Biológica: estuda a natureza física do homem, na tentativa de conhecer suas origens e evolução, sua estrutura anatômica, seus processos fisiológicos e as diferentes características raciais das populações humanas, antigas e modernas. Estas se subdividem em:

- **Paleontologia Humana;**
- **Somatologia;**
- **Raciologia;**
- **Antropometria;**
- **Estudos Comparativos do Crescimento.**

Antropologia Cultural: busca no homem e nas sociedades o entendimento de todos os componentes culturais, entendido como estudo dos símbolos e das representações que orientam o ser humano em sua vida diária.

A origem etimológica do termo antropologia vem do termo anthropos, que significa homem e logia ou ciência. Logo, a antropologia é a ciência do homem. Porém, não é apenas o objeto material homem, visto que muitas ciências também apropriam deste saber, mas a característica de estudar o homem como um todo, incluindo fatores biológicos e culturais, o que lhe dá um caráter mais geral e ao mesmo tempo

um caráter mais específico, pois se torna impossível estudar o homem em toda sua dimensão (MELLO, 2007: 34-35). Dentro deste campo mais amplo se encontra diversas subdivisões, como a antropologia física, e a antropologia cultural, como veremos mais adiante.

Desde que a cultura é aprendida, observamos que as pessoas que vivem em diferentes lugares, possuem diferentes culturas. É a cultura que faz com que a criança nascida no Brasil seja brasileira, e a criança nascida em Portugal seja portuguesa. Assim, existem trocas culturais entre os indivíduos que contrapõe a todo o momento as culturas entre os povos já estabelecidos.

Notamos então, que o conceito de antropologia cultural é um conjunto complexo de conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outros hábitos que o homem adquire durante a vida (MELLO, 2007:40-43).

SEU CAMPO DE ESTUDO ABRANGE:

- **Arqueologia:** estudo das culturas do passado, extintas, que em épocas remotas desenvolveram formas culturais, representando fases da humanidade não registradas em documentos escritos.
- **Etnografia:** preocupa-se com a descrição das sociedades humanas. Para Lévi Strauss consiste em observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade, na intenção de ser mais fiel possível da vida de cada um deles.
- **Etnologia:** preocupa-se com a análise, a interpretação e a comparação entre as mais variadas culturas existentes, considerando suas semelhanças e diferenças. Examina o homem e sua inter-relação com o meio ambiente, indivíduo e cultura, na tentativa de compreender a operosidade e mudança das mesmas. O etnógrafo lhes fornecem os dados necessários a análise.
- **Linguística:** a linguagem é o meio e instrumento de comunicação e pensamento.

- **Folclore:** define-se como o estudo da cultura espontânea dos grupos humanos rurais ou urbanos.
- **Antropologia Social:** estuda os processos culturais e a estrutura social. Seu interesse está focado na sociedade e nas instituições.
- **Cultura e personalidade:** o indivíduo não é visto como simples receptor e portador de cultura, mas como um agente de mudança cultural, desempenhando papel dinâmico e inovador.

Além dos vários campos, a antropologia, embora autônoma, relaciona com outras ciências numa interdisciplinaridade que a interage:

Ciência Social: Sociologia, História, Psicologia, Geografia, Economia, Ciência Política, Ciência Biológica ou natural: Biologia, Genética, Anatomia, Fisiologia, Embriologia, Medicina, Zoologia, Geologia, Botânica, Química e Física.

TRABALHO DE CAMPO

Vimos que dentre os diversos campos de interesse da antropologia, o folclore tem sua importância, seja ele urbano ou rural. As festas populares poderiam também estar aqui incluídas, além de danças, músicas, brincadeiras, etc.

Observe a região em que você vive. Quais são os grupos folclóricos existentes? Quais são as festas populares? Acredito serem poucos, como também acredito que em tempos remotos a existência destas festas e desta cultura popular terem existido em número muito maior do que na atualidade. Estas festas e estas culturas modificaram ou foram criados outros tipos e formas? Algumas permaneceram e outras surgiram? Dê exemplos.

Em sua opinião qual a causa de seu desaparecimento? E qual a causa do aparecimento de novas manifestações culturais? Quais são os fatores em jogo?

Vamos ao fórum discutir essas questões?
Espero por seus comentários!

O folclore é uma manifestação de origem popular transmitido pelos costumes e tradições de um povo. Alguns costumes e tradições permanecem durante anos e anos numa dada comunidade, outros desaparecem, assim como o processo cultural analisado na primeira unidade, pois, estão recheados de uma rede de influência e interesses.

A antropologia esteve intimamente relacionada com o forte desenvolvimento e transformação do conhecimento científico, em particular com os processos relacionados com o evolucionismo biológico muito popular durante os séculos XVIII e XIX. E era do Positivismo assentado na crença de que a ciência explicaria todo e qualquer fenômeno, levou durante esse período a se interessar e compreender a origem da espécie humana e perceber até que ponto as escrituras da Bíblia serviriam ou não de modelo explicativo para a origem da humanidade. Assim, foram surgindo teorias que procuravam transpor os conceitos evolutivos para as sociedades exóticas e culturas diferenciadas.

DICA DE VÍDEO!



O NOVO MUNDO

Ano de Produção: 2005/País de origem: EUA/Gênero: Aventura/Duração: 135 min. Direção: Terrence Malick

Clique no link para ver o trailer.

link - <https://youtu.be/hq3pcf14RuI>

Sinopse: século XVII América. Do choque de duas culturas nasce o lendário amor entre a princesa índia Pocahontas e o capitão Smith, um explorador inglês. Afastados pelo destino, Smith se divide entre o dever e o amor; e Pocahontas entre dois amores

Desta forma, muitos autores, defendiam que as várias sociedades passavam por várias etapas de desenvolvimento que culminariam na estrutura da sociedade europeia e ocidental, considerada o expoente máximo da evolução social e cultural. Esta superioridade cultural foi debatida na Unidade 1 e observamos ser inaceitável, por considerarmos a não existência de culturas superiores ou inferiores, mas diferentes.

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, “a experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida...” “... Nem o contato e a mistura com raças indígenas ou adventícias fizeram-no tão diferentes dos nossos avós de além-mar como às vezes gostaríamos de sê-lo.” (Holanda, 1995:40)

Sofremos, pois, influências dos colonizadores, dos africanos, dos índios e de outros povos que por aqui se aventuram. Criamos, assim, uma cultura variada e rica.

Mas a cultura que sobrepõe está sempre relacionada ao mais forte, mesmo que tentemos valorizar as demais culturas existentes e entendendo que a cultura pertence a todos nós. Estas são praticamente impostas.... Dentre vários exemplos citamos a imposição do português como língua oficial brasileira. Mesmo havendo hoje uma tentativa de valorização de línguas nativas, jamais elas serão oficializadas... A nossa volta o que temos desses traços? Nada praticamente!



Imagem 2 - Peter Pruzina por Pixabay

Nesta visão de superioridade e imposição cultural surge um conceito que mais tarde seria classificado de etnocentrismo, ou seja, a tendência em considerar a sociedade europeia e ocidental como referencial para todas as outras sociedades diferentes deste modelo.

Observamos que logo após esse período positivista, os antropólogos passaram a considerar que o campo de ação da Antropologia se encontrava necessariamente ligados às sociedades diferentes, isoladas e sem escrita. O exótico e diferente, ou seja, a alteridade passou a ser o carro chefe da Antropologia. Apoiados no conceito de diversidade cultural (e quanto mais diversos melhor) os antropólogos viajaram aos lugares mais recônditos do mundo para perceber como os outros se definiam e se caracterizavam.

Hoje em dia o objeto de estudo da Antropologia já não são as sociedades intocadas pelos brancos. Muito possivelmente já não existem sociedades humanas isoladas, por isso esse objeto inicial encontra-se praticamente esgotado. Por esse motivo os antropólogos têm voltado para o interior dos seus próprios contextos sociais e culturais de forma a compreenderem os fenômenos que hoje em dia se desenvolvem, não sendo por isso necessário abarcar meio mundo à procura da alteridade para poder estudar, apoiando na diversidade de comportamentos e práticas culturais e sociais.

“Etnocentrismo, ou seja, a tendência em considerar a sociedade europeia e ocidental como referencial para todas as outras sociedades diferentes deste modelo.”

PRINCIPAIS CORRENTES ANTROPOLÓGICAS QUE SURGIRAM AO LONGO DO TEMPO

- **FUNCIONALISMO:** interpreta a sociedade como se ela fosse um organismo e em que cada parte do sistema desempenha uma função e a cultura é uma

resposta a uma necessidade biológica desse organismo. Tem como expoente Malinowski e os seus trabalhos.

Lembro que a ideia do funcionalismo está em diálogo com a teoria Positivista de Augusto Comte, no qual afirmava que a sociedade era constituída como um organismo separado de partes integradas e coesas que deveriam funcionar harmoniosamente. Haveria uma cabeça pensante cabendo ao corpo a obediência. Para Comte a sociedade só funcionaria bem se assim procedesse.

- **ESTRUTURAL-FUNCIONALISMO:** para Radcliffe-Brown a questão não era tanto a de saber se a cultura se colocava ao serviço das necessidades individuais, mas sim de descobrir de que modo ela contribuía para a manutenção de uma estrutura social equilibrada, sendo a estrutura social a rede total de relações sociais existentes numa sociedade. A ênfase colocada na estrutura fez com que a sua escola se designasse por estrutural-funcionalista;
- **ESTRUTURALISMO:** apoiado nas ideias de Durkheim e Marcel Mauss, Lévi-Strauss adaptou as teorias estruturalistas ao domínio da Antropologia. Strauss propôs uma organização binária ou de categorias contrastantes. A sociedade estabelece regras que obrigam os indivíduos a circular entre metades. O mundo à nossa volta é organizado em categorias que se opõem umas às outras. Em última análise a cultura é uma expressão da nossa estrutura mental e esta é construída a partir de conceitos e o seu oposto. Também Lévi-Strauss procurava desta forma criar uma teoria ou abordagem de carácter universalista.

DICA DE VÍDEO!



1492 A Conquista do Paraíso Dublado HD Completo 1280x720p

1492: A CONQUISTA DO PARAÍSO

Ano de Produção: 1992/País de origem: FRA/ESP/ING/Gênero: Drama/Duração: 155 min. Direção: Ridley Scott

Link- https://youtu.be/jp9H_2MjWJY

Sinopse: A odisséia da expedição de Cristóvão Colombo até descobrir a América.

O estruturalismo é muito utilizado por historiadores ao fazer uso de uma análise interdisciplinar para uma interpretação temporal. Tal método possibilita observar a estrutura econômica, social, política e cultural, não perdendo de vista o entendimento do fato numa perspectiva reduzida ou individual, ligando a um contexto mais amplo, numa interferência entre micro e macro análise e ainda permitindo uma narrativa de tal acontecimento. (BURKE, 1992)

DICA DE VÍDEO!



Trailer de A MASSAI BRANCA

A MASSAI BRANCA

Ano de Produção: 2005/País de origem: ALE/Gênero: Drama/Duração: 131 min.

Sinopse: Baseado em uma autobiografia original da escritora Suíça Corinne Hofmann. Em férias no Quênia, Carola decide deixar seu namorado para ficar com um guerreiro da

tribo dos Massai. Ela tem que se adaptar à maneira de vida da tribo, que inclui se alimentar de leite misturado com sangue e posturas machistas.

Link - <https://youtu.be/zBO8QaQNpzU>

ARTIGO - VOCÊ TEM CULTURA?

Roberto da MATTA*

Outro dia ouvi uma pessoa dizer que “Maria não tinha cultura” , era “ignorante dos fatos básicos da política, economia e literatura” . Uma semana depois, no Museu onde trabalho, conversava com alunos sobre “a cultura dos índios Apinayé de Goiás” , que havia estudado de 1962 até 1976, quando publiquei um livro sobre

eles (Um mundo dividido). Refletindo sobre os dois usos de uma mesma palavra, decidi que esta seria a melhor forma de discutir a ideia ou o conceito de cultura tal como nós, estudantes da sociedade a concebemos. Ou, melhor ainda, apresentar algumas noções sobre a cultura e o que ela quer dizer, não como uma simples palavra, mas como uma categoria intelectual um conceito que pode nos ajudar a compreender melhor o que acontece no mundo em nossa volta.

Retomemos os exemplos mencionados porque eles encerram os dois sentidos mais comuns da palavra. No primeiro, usa-se cultura como sinônimo de sofisticação, de sabedoria, de educação no sentido restrito do termo. Quer dizer, quando falamos que “Maria não tem cultura”, e que “João é culto”, estamos nos referindo a certo estado educacional destas pessoas, querendo indicar com isto sua capacidade de compreender ou organizar certos dados e situações. Cultura aqui é equivalente a volume de leituras, a controle de informações, a títulos universitários e chega até mesmo a ser confundido com inteligência, como se a habilidade para realizar certas operações mentais e lógicas (que definem de fato a inteligência), fosse algo a ser medido ou arbitrado pelo número de livros que uma pessoa leu as línguas que pode falar, ou aos quadros e pintores que pode de memória, enumerar. Como uma espécie de prova desta associação, temos o velho ditado informando que “cultura não traz discernimento” ... Ou inteligência, como estou discutindo aqui.

Neste sentido, cultura é uma palavra usada para classificar as pessoas e, às vezes, grupos sociais, servindo como uma arma discriminatória contra algum sexo, idade (“as gerações mais novas são incultas”), etnia (“os pretos não tem cultura”) ou mesmo sociedades inteiras, quando se diz que “os franceses são cultos e civilizados” em oposição aos americanos que são “ignorantes e grosseiros” . Do mesmo modo é comum ouvir-se referências à humanidade, cujos valores seguem tradições diferentes e desconhecidas, como a dos índios, como sendo sociedades que estão “na Idade da Pedra” e se encontram em “estágio cultural muito atrasado” . A palavra cultura, enquanto categoria do senso-comum ocupa como vemos um importante lugar no nosso acervo conceitual, ficando lado a lado de outras, cujo uso na vida cotidiana é também muito comum. Estou me lembrando

da palavra "personalidade" que, tal como ocorre com a palavra "cultura", penetra o nosso vocabulário com dois sentidos bem diferenciados. No campo da Psicologia, personalidade define o conjunto dos traços que caracterizam todos os seres humanos. É aquilo que singulariza todos e cada um de nós como uma pessoa diferente, com interesses, capacidades e emoções particulares. Mas na vida diária, personalidade é usada como um marco para algo desejável e invejável de uma pessoa. Assim, certas pessoas teriam "personalidade" outras não! É comum se dizer que "João tem personalidade" quando de fato se quer indicar que "João tem magnetismo", sendo uma pessoa de "presença". Do mesmo modo, dizer que "João não tem personalidade" quer apenas dizer que ele não é uma pessoa atraente ou inteligente.

Mas no fundo, todos temos personalidade, embora nem todos possamos ser pessoas belas ou magnetizadoras como um artista da Novela das Oito. Mesmo uma pessoa "sem personalidade" tem, paradoxalmente, personalidade na medida em que ocupa um espaço social e físico e tem desejos e necessidades. Pode ser uma pessoa sumamente apagada, mas ser assim é precisamente o traço marcante de sua personalidade.

No caso do conceito de cultura ocorre o mesmo, embora nem todos saibam disso. De fato, quando um antropólogo social fala em "cultura", ele usa a palavra como um conceito chave para a interpretação da vida social. Porque para nós "cultura" não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de "civilização", mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É justamente porque compartilham de parcelas importantes deste código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade. Podem, assim, desenvolver relações entre si porque a cultura lhes forneceu normas que dizem respeito aos modos, mais (ou menos) apropriados de comportamento diante de certas situações. Por outro lado, a cultura não é um código que se escolhe

simplesmente. É algo que está dentro e fora de cada um de nós, como as regras de um jogo de futebol, que permitem o entendimento do jogo e, também, a ação de cada jogador, juiz, bandeirinha e torcida. Quer dizer, as regras que formam a cultura (ou a cultura como regra) é algo que permite relacionar indivíduos entre si e o próprio grupo com o ambiente onde vivem. Em geral, pensamos a cultura como algo individual que as pessoas inventam, modificam e acrescentam na medida de sua criatividade e poder. Daí falarmos que Fulano é mais culto que Sicrano e distinguirmos formas de "cultura" supostamente mais avançadas ou preferidas que outras. Falamos então em "alta cultura" e "baixa cultura" ou "cultura popular", preferindo naturalmente as formas sofisticadas que se confundem com a própria ideia de cultura. Assim, teríamos a cultura e culturas particulares e adjetivadas. (Popular, indígena, nordestina, de classe baixa, etc.) como formas secundárias, incompletas e inferiores de vida social.

Mas a verdade é que todas as formas culturais ou todas as "subculturas" de uma sociedade são equivalentes e, em geral, aprofundam algum aspecto importante que não pode ser esgotado completamente por outra "subcultura". Quer dizer, existem gêneros de cultura que são equivalentes a diferentes modos de sentir, celebrar, pensar e atuar sobre o mundo e esses gêneros podem estar associados a certos segmentos sociais. O problema é que sempre que nos aproximamos de alguma forma de comportamento e de pensamento diferente, tendemos a classificar a diferença hierarquicamente, que é uma: forma de excluí-la.

Outro modo de perceber e enfrentar a diferença cultural é tomar a diferença como um desvio, deixando de buscar seu papel numa totalidade. Desta forma, podemos ver o carnaval como algo desviante de uma festa religiosa, sem nos darmos conta de que as festas religiosas e o carnaval guardam uma profunda relação de complementaridade. Realmente, se no terreno da festa religiosa somos marcados pelo mais profundo comedimento e respeito pelo foco no "outro mundo" é porque no carnaval podemos nos apresentar realizando o justo oposto.

Assim, o carnavalesco e o religioso não podem ser classificados em termos de superior ou inferior ou como articulados a uma "cultura autêntica" e superior, mas

devem ser vistos nas suas relações que são complementares. O que significa dizer que tanto há cultura no carnaval quanto na procissão e nas festas cívicas, pois que cada uma delas é um código capaz de permitir um julgamento e uma atuação sobre o mundo social no Brasil. Como disseram uma vez, essas festas nos revelam leituras da sociedade brasileira por nós mesmos e é nesta direção que devemos discutir o conteúdo e a forma de cada cultura ou subcultura em uma sociedade (veja-se o meu livro, *Carnavais; Malandros e Heróis*). No sentido antropológico, portanto, a cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. Ela, como os textos teatrais, não pode prever completamente como iremos nos sentir em cada papel que devemos ou temos necessariamente que desempenhar, mas indica maneiras gerais e exemplos de como pessoas que viveram antes de nós os desempenharam. Mas isso não impede, conforme sabemos, emoções. Do mesmo modo que um jogo de futebol com suas regras fixas não impedem renovadas emoções em cada jogo. É que as regras apenas indicam os limites e apontam os elementos e suas combinações explícitas. O seu funcionamento e, sobretudo, o modo pelo qual elas engendram novas combinações em situações concretas é algo que só a realidade pode dizer. Porque embora cada cultura contenha um conjunto finito de regras, suas possibilidades de atualização, expressão e reação em situações concretas, são infinitas.

Apresentada assim, a cultura parece ser um bom instrumento para compreender as diferenças entre. Os homens e as sociedades. Elas não seriam dadas, de uma vez por todas, por meio de um meio geográfico ou de uma raça, como diziam os estudiosos do passado, mas em diferentes configurações ou relações que cada sociedade estabelece no decorrer de sua. Mas é importante acentuar que a base destas configurações, é sempre um repertório comum de potencialidades. Algumas sociedades desenvolveram algumas dessas potencialidades mais e melhor do que outras, mas isso não significa que elas sejam mais pervertidas ou mais adiantadas. O que isso parece indicar é, antes de mais nada, o enorme potencial que cada cultura encerra, como elemento plástico, capaz de receber as variações e motivações dos seus membros, bem como os desafios externos. Nosso sistema caminhou na direção de um poderoso controle sobre a natureza, mas isso é apenas

um traço entre muitos outros. Há sociedades na Amazônia onde o controle da natureza é muito pobre, mas onde existe uma enorme sabedoria relativa ao equilíbrio entre os homens e os grupos cujos interesses são divergentes. O respeito pela vida que todas as sociedades indígenas nos apresentam, de modo tão vivo, pois que os animais são seres incluídos na formação e discussão de sua moralidade e sistema político, parece se constituir não em exemplo de ignorância e indigência lógica, mas em verdadeira lição, pois, respeitar a vida deve certamente incluir toda a vida e não apenas a vida humana. Hoje estamos mais conscientes do preço que pagamos pela exploração desenfreada do mundo natural sem a necessária moralidade que nos liga inevitavelmente às plantas, aos animais, aos rios e aos mares.

Realmente, pela escala destas sociedades tribais, somos uma sociedade de bárbaros, incapazes de compreender. O significado profundo dos elos que nos ligam com todo o mundo em escala. Global. Pois é assim que pensam os índios e por isso que as suas histórias são povoadas de animais que falam e homens que se transformam em animais. Conosco, são as máquinas que tomam esse lugar... O conceito de cultura, ou, a cultura como conceito, então, permite uma perspectiva mais consciente de nós mesmos. Precisamente porque diz que não há homens sem cultura e permite comparar culturas e configurações culturais como entidades iguais, deixando de estabelecer hierarquias em que inevitavelmente existiriam sociedades superiores e inferiores. Mesmo diante de formas culturais aparentemente irracionais, cruéis ou pervertidas, existe o homem a entendê-las – ainda que seja para evitá-las, como fazemos com o crime – é uma tarefa inevitável que faz parte da condição de ser humano e viver num universo marcado e demarcado pela cultura. Em outras palavras, a cultura permite traduzir melhor a diferença e entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos. Num mundo como o nosso, tão pequeno pela comunicação em escala planetária, isso me parece muito importante. Porque já não se trata somente de fabricar mais e mais automóveis, conforme pensávamos em 1950, mas desenvolver nossa capacidade para enxergar melhores caminhos para os pobres, os marginais e os oprimidos. E isso só se faz com uma atitude aberta para

as formas e configurações sociais que, como revela o conceito de cultura, estão dentro e fora de nós.

Num país como o nosso, onde as formas hierarquizantes de classificação cultural sempre foram dominantes, onde a elite sempre esteve disposta a autoflagelar-se dizendo que não temos uma cultura, nada mais saudável do que esse exercício antropológico de descobrir que a fórmula negativa - esse dizer que não temos cultura é, paradoxalmente, um modo de agir cultural que deve ser visto, pesado e talvez substituído por uma fórmula mais confiante no nosso futuro e nas nossas potencialidades.

* *Artigo publicado no Jornal da Embratel, RJ, 1981.

**Roberto Da Matta, pesquisador e professor de Antropologia Social do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. É autor dos livros: *Ensaio de Antropologia Estrutural* (Editora Vozes), *Um Mundo Dividido* (Editora Vozes), *O Inverso do Carnaval* (Edições Pinakothek), *Carnavais, Malandros e Heróis* (ZaharEditores) e *Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social* (Editora Vozes).

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO

As atividades que se seguem servem como exercícios de fixação, após assistir a vídeo aula da unidade e realizar as leituras complementares, utilize-as para aprimorar os conhecimentos e caso tenha alguma dúvida entre em contato através do nosso fórum da 1ª etapa.

1. (Fuvest) "A sociedade colonial brasileira herdou concepções clássicas e medievais de organização e hierarquia, mas acrescentou-lhe sistemas de graduação que se originaram da diferenciação das ocupações, raça, cor e condição social. (...) As distinções essenciais entre fidalgos e plebeus tenderam a nivelar-se, pois o mar de indígenas que cercava os colonizadores portugueses tornava todo europeu, de fato, um gentil-homem em potencial. A disponibilidade de índios como escravos ou trabalhadores possibilitava aos imigrantes concretizar seus sonhos de nobreza. (...) Com índios, podia desfrutar

de uma vida verdadeiramente nobre. O gentio transformou-se em um substituto do campesinato, um novo estado, que permitiu uma reorganização de categorias tradicionais. Contudo, o fato de serem aborígenes e, mais tarde, os africanos, diferentes étnica, religiosa e fenotipicamente dos europeus, criou oportunidades para novas distinções e hierarquias baseadas na cultura e na cor." (Stuart B. Schwartz, *SEGREDOS INTERNOS*).

A partir do texto, pode-se concluir que:

- a) a diferenciação clássica e medieval entre clero, nobreza e campesinato, existente na Europa, foi transferida para o Brasil por intermédio de Portugal e constituiu-se no elemento fundamental da sociedade brasileira colonial.
 - b) a presença de índios e negros na sociedade brasileira levou ao surgimento de instituições como a escravidão, completamente desconhecida da sociedade europeia nos séculos XV e XVI.
 - c) os índios do Brasil, por serem em pequena quantidade e terem sido facilmente dominados, não tiveram nenhum tipo de influência sobre a constituição da sociedade colonial.
 - d) a diferenciação de raças, culturas e condição social entre brancos e índios, brancos e negros, tendeu a diluir a distinção clássica e medieval entre fidalgos e plebeus europeus na sociedade colonial.
2. Numere a segunda coluna de acordo com a primeira e marque a alternativa **CORRETA**.

Coluna 1

1. Ciência Social
2. Ciência Humana
3. Ciência Natural

Coluna 2

- () Volta-se especificadamente para o homem como um todo: sua história, suas crenças, usos e costumes, filosofia, linguagem, etc.
- () Interessa-se pelo conhecimento psicossomático do homem sua evolução.
- () Propõe conhecer o homem enquanto elemento integrante de grupos organizados.

- a) 1, 2, 3
- b) 3,1, 2
- c) 2, 3, 1
- d) 1, 3, 2

3. Usa-se o termo cultura como sinônimo de sofisticação, de sabedoria, de educação no sentido restrito do termo. Estamos nos referindo a certo estado educacional das pessoas, querendo indicar com isto sua capacidade de compreender ou organizar certos dados e situações. Cultura é erroneamente, muitas vezes equivalente a volume de leituras, a controle de informações, a títulos universitários e chega até mesmo a ser confundido com inteligência, como se a habilidade para realizar certas operações mentais e lógicas (que definem de fato a inteligência), fosse algo a ser medido ou arbitrado pelo número de livros que uma pessoa leu as línguas que pode falar, ou aos quadros e pintores que pode de memória, enumerar. De acordo com o exposto acima, marque a alternativa **CORRETA**.

- a) Cultura é uma palavra usada para classificar as pessoas e, às vezes, grupos sociais, servindo como uma arma discriminatória contra algum sexo, idade ("as gerações mais novas são incultas"), etnia ("os pretos não tem cultura") ou mesmo sociedades inteiras, quando se diz que "os franceses são cultos e civilizados" em oposição aos americanos que são "ignorantes e grosseiros" .
- b) A palavra cultura, enquanto categoria do senso-comum ocupa um importante lugar no nosso acervo conceitual, ficando lado a lado de outras, cujo uso na

vida cotidiana é também muito comum. Portanto, ela está sempre voltada para todos, sem qualquer tipo de discriminação.

- c) É aquilo que singulariza todos e cada um de nós como uma pessoa diferente, com interesses, capacidades e emoções particulares, por isso está voltada para todos os grupos, sem exclusão.
- d) É usada como um marco para algo desejável e invejável de uma pessoa. Quando um antropólogo social fala em "cultura", ele usa a palavra como um conceito chave para a interpretação da vida social dos animais.

4. "O alimento é algo universal e geral. Algo que diz respeito a todos os seres humanos: amigos ou inimigos, gente de perto ou de longe, da rua ou de casa, do céu ou da terra" . Roberto da Matta, 1997.

A comida é algo que define um domínio e põem as coisas em foco, algo costumeiro, sadio, ajuda a estabelecer a identidade. Neste sentido a comida

- a) ajuda ao não restabelecimento de grupo, classe ou pessoa e é importante meio de repasse cultural.
- b) não tem importância no cotidiano humano, pois é isento de traços culturais.
- c) o alimento é sempre o mesmo se interpretado historicamente, ou seja, uma mesma sociedade alimenta sempre em vários tempos históricos da mesma forma.
- d) é um dos responsáveis pela diferencial cultural e ao mesmo tempo tem o poder de ligar o grupo no qual se convive.

5. **(UEL – 2003/modificada)** O etnocentrismo pode ser definido como uma "atitude emocionalmente condicionada que leva a considerar e julgar sociedades culturalmente diversas com critérios fornecidos pela própria cultura. Assim, compreende-se a tendência para menosprezar ou odiar culturas cujos padrões se afastam ou divergem dos da cultura do observador que exterioriza a atitude etnocêntrica. (...) Preconceito racial, nacionalismo, preconceito de classe ou de profissão, intolerância religiosa são algumas formas de etnocentrismo" . (WILLEMS, E. Dicionário de Sociologia. Porto Alegre: Editora Globo, 1970. p. 125.)

Com base no texto e nos conhecimentos de sociologia, assinale a alternativa cujo discurso revela uma atitude etnocêntrica:

- a) A existência de culturas subdesenvolvidas relaciona-se à presença, em sua formação, de etnias de tipo incivilizado.
- b) Os povos indígenas possuem um acúmulo de saberes que podem influenciar as formas de conhecimentos ocidentais.
- c) Os critérios de julgamento das culturas diferentes devem primar pela tolerância e pela compreensão dos valores, da lógica e da dinâmica própria a cada uma delas.
- d) As culturas podem conviver de forma democrática, dada a inexistência de relações de superioridade e inferioridade entre as mesmas.

GABARITO

QUESTÃO 1 D

QUESTÃO 2	C
-----------	---

QUESTÃO 3	A
-----------	---

QUESTÃO 4	D
-----------	---

QUESTÃO 5	A
-----------	---

UNIDADE IV – INDIVÍDUO E SOCIEDADE

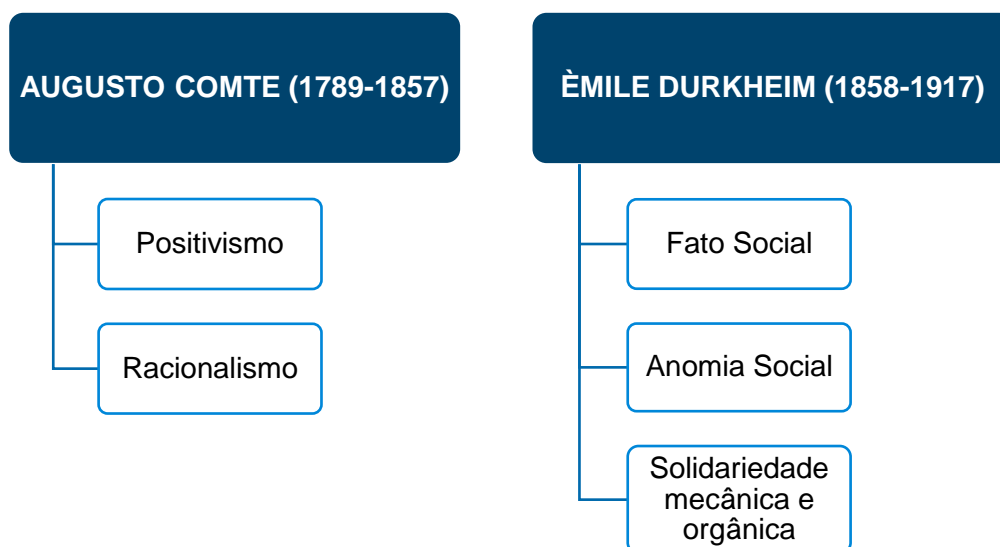
OBJETIVOS

- Conceito de Sociedade.
- Estudo histórico e cultural da sociedade.
- O indivíduo com ser biopsicocultural.
- Entender a socioantropologia enquanto ciência interdisciplinar e histórica.
- Apresentar a evolução humana de maneira sintética e objetiva.
- Analisar os principais nomes norteadores da formação da sociologia.

Prezados alunos, tivemos oportunidade na Unidade I e II de aprendermos um pouco sobre a construção da Socioantropologia enquanto disciplina rigorosa, e para que isto acontecesse foi necessária uma evolução lógica e de forma contínua para que a disciplina se organizasse.

Para a investida vimos quão importantes foi à presença de Augusto Comte, com a teoria positivista e de Èmile Durkheim, que dentre outras teorias, se destacam a percepção do fato social, da sociedade orgânica e mecânica e ainda da anomia social.

Em caráter ilustrativo destacamos o organograma abaixo:



Portanto, como o conhecimento não se esgota notamos que os acontecimentos da Idade Moderna, muito contribuíram para que os conhecimentos socioantropológicos fossem readaptados. O desenvolvimento industrial, as mudanças de ordem religiosa, social, cultural e econômica, que permearam os séculos XVII e XVIII na Europa fizeram com que novos grupos sociais fossem “criados” , e, conseqüentemente, levou os pensadores da época a um esforço em interpretar a diversidade social que ora destacava.

De acordo com Cristina Costa (Costa, 2005:94)

“O sucesso alcançado pelas ciências físicas e biológicas, impulsionadas pela indústria e pelo desenvolvimento tecnológico, fizeram com que as primeiras escolas sociológicas fossem fortemente influenciadas pela adaptação dos princípios e da metodologia dessas ciências à realidade social.”

Inspirados por uma filosofia kantiana e hegeliana, no qual se preocupava menos com o objeto do conhecimento e mais com a forma racional de apreender o conhecimento, surge à teoria que norteará dois grandes sociólogos do século XIX: Max Weber e Karl Marx, que veremos adiante.

A forma ou o método de conhecimento será o grande trunfo dos sociólogos acima, visto que, a razão não mais é algo relacionado à simples natureza da razão e de objetos, mas na forma, no método de conhecer a realidade racionalmente.

A CONTRIBUIÇÃO DE MAX WEBER PARA SOCIOLOGIA

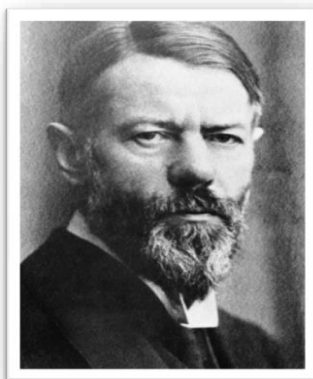


Imagem 1

Inspirado por um pensamento do entendimento social por uma perspectiva histórica, Max Weber busca na interpretação das fontes e na coleta de dados a percepção das diferenças sociais, que estariam ligadas a origem da formação das coisas e não um estágio de evolução.

Weber “procurou entender como as idéias, tanto como os fatores de ordem material, cobravam forças na explicação sociológica” (Quintaneiro et al, 1995:106), na qual a vontade de poder repercute diretamente na luta entre valores antagônicos, sejam eles de que nível for.

Dentre algumas teorias weberianas se destacam:

AÇÃO SOCIAL

O homem dá sentido à ação social. Estabelece conexão entre os motivos da ação, bem como a ação e seus efeitos propriamente ditos. O objeto da sociologia era a ação social, ou seja, toda a conduta humana, pública ou não, que o agente atribui significado e adequa a sua ação ao significado atribuído à ação do outro.

O objetivo da sociologia seria compreender a conduta humana e explicá-la causalmente em seus desdobramentos (captação de sentido).

De acordo com Weber as ações são individuais, mas se encontram dentro de um contexto social. Cada indivíduo age conforme sua tradição, seus interesses e emoções. Neste sentido, as condutas são tanto mais racionalizadas quanto menor for à submissão do agente aos costumes e afetos e quanto mais ele se oriente por um planejamento adequado à situação. (Quintaneiro, et al, 1995: 107)

Weber constrói quatro tipos “puros” de ação social: a ação racional com relação aos fins, a ação racional com relação aos valores, a ação tradicional e a ação afetiva.

Acreditava que as pessoas estavam cada dia mais se afastando das crenças tradicionais baseadas na superstição, na religião, no costume e em hábitos já estabelecidos. Por isso os homens estariam cada vez mais voltados para o racionalismo e instrumentos que tinham em consideração a eficiência e as consequências futuras. Poderia ser uma espécie de concepção própria das sociedades industriais, em que os sentimentos são pouco valorizados.

Na tentativa de explicar os fatos sociais, Weber construiu um instrumento de análise chamado tipo ideal.

Mas o que é chamado de tipo ideal?

TIPO IDEAL

O que Weber chama de tipo ideal está relacionado a uma criação abstrata a partir de casos particulares observados. O tipo ideal não é um modelo a ser alcançado, mas uma lupa que auxilia o cientista a observação e análise do social, como numa análise microscópica.

O tipo ideal weberiano é a constatação de um fenômeno a partir de características mais salientes da sociedade. Por exemplo: é característica do sistema capitalista a divisão de tarefas no trabalho, o que podemos chamar de tipo ideal, ou seja, é algo que domina.

Porém, entendemos que mesmo sendo uma característica comum a todos os países capitalistas, tais práticas podem variar de região para região, só que ele aborda a partir de seus traços mais comuns. Por isso que quando se fala sobre capitalismo a maioria das pessoas imaginam sobre ele as mesmas características, pois têm a representação do tipo ideal. Mas isto não quer dizer que não exista neste sistema, características que são individuais, próprias, mas que só são percebidas se analisadas com maior rigor.

Max Weber faz uma crítica severa à formação capitalista. Ao perceber por seus estudos que a Igreja Católica não perdeu seu poder, após a Reforma, sobre a vida cotidiana, mas obteve uma nova forma de controle, observa algo inusitado. Afirma o autor que os homens de negócio e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados e o pessoal mais habilitado técnica e comercialmente das empresas são predominantemente protestantes. (Weber, 2006: 39-40)

Assim, para Weber, dentro da ética calvinista existiria uma ideia de que perda de tempo era um dos grandes pecados. O trabalho torna-se um valor em si mesmo. Para estarem seguros quanto à sua salvação, os homens, ricos e pobres deveriam trabalhar sem descanso e reaplicarem o seu lucro.

Os valores do protestantismo atuavam de maneira intensa na formação dos indivíduos. Lembra que *tempo é dinheiro, crédito é dinheiro, dinheiro pode gerar dinheiro*. O trabalho deveria, pois, ser executado como se fosse um fim absoluto em

si mesmo, como uma vocação. Contudo, tal atitude não é produto da natureza. Não pode ser estimulada apenas pensando em salários, mas como um árduo processo educativo. (Weber, 2006: 57)

O mal não estaria na posse da riqueza, mas no seu uso para o prazer, o luxo e a preguiça. Tal adoção permite que os empresários revertam sua condição histórica anterior de ser uma classe qualquer, para se transformarem no principal grupo que surgiria: a burguesia.

SUGESTÃO DE LIVROS



A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO DE MAX WEBER

http://www.ldaceliaoliveira.seed.pr.gov.br/redeescola/escalas/18/1380/184/arquivos/File/materiais/2014/sociologia/A_Etica_Protestante_e_o_Espirito_do_Capitalismo_Max_Weber_-_Flavio_Pierucci.pdf

A DOMINAÇÃO



Imagem 2 - dominação

A dominação é um dos elementos mais importantes da ação social. Todas as áreas da ação social mostram marcadas por algum tipo de dominação. Assim como um impulso que molda a ação social e determinam sua orientação para um sentido: o poder.

A dominação pode ser legitimada quando a vontade do dominador (es) influencia as ações de outras pessoas, que acabam obedecendo sem questionar. Ela acontece quando o reconhecimento da autoridade de alguém legitima em outrem, tornando-os manipuláveis.

Existem de acordo com Weber seis tipos de dominação:

- **DOMINAÇÃO LEGAL:** obedece a pessoa em virtude do seu direito próprio. Em contrapartida, quem ordena obedece. Junto a esta dominação legal temos a dominação burocrática.
- **DOMINAÇÃO BUROCRÁTICA:** sua competência é fundada em regras instituídas: regime administrativo da coisa pública por regime hierárquico e inflexível.
- **DOMINAÇÃO TRADICIONAL:** obedece em virtude da própria dignidade, derivada da tradição. Subdivide em:
- **DOMINANTE:** dominam relações do quadro administrativo não o dever ou a disciplina objetivamente ligada ao cargo, mas a fidelidade pessoal do servidor.
- **PATRIARCAL:** ligada a associação doméstica, ao chefe de família.
- **DOMINAÇÃO CARISMÁTICA:** crença no extraordinário, no sobrenatural, na devoção efetiva à pessoa.

Vemos que Weber contribui e muito para o entendimento da estrutura social, com múltiplas lógicas. Seus trabalhos abriram as portas para particularidades históricas e o papel da subjetividade na ação da pesquisa social.

O MARXISMO E SUAS IMPLICAÇÕES

A DIALÉTICA

Figura 02

Baseado no Materialismo Dialético de Hegel, Marx afirma que o choque de princípios e contrários provoca um terceiro princípio, ou uma mudança. Neste entendimento a tese seria a afirmação de algo, a antítese a negação e a síntese algo mais perfeito. O que em seu entender equivale dizer que toda sociedade traz em si o germe de sua negação.

Hegel aplicava os princípios às coisas, Marx aplica na história. Tal teoria será chamada por ele de Materialismo Histórico. Em sua visão só haveria mudança social se houvesse luta dos trabalhadores, ou luta de classes.

Porém, a estrutura social depende da forma com que os homens se organizam. Nessa organização englobam dois fatores básicos:

- **AS FORÇAS PRODUTIVAS:** condições materiais de produção (matéria-prima, instrumentos, etc.).
- **RELAÇÕES DE PRODUÇÃO:** as formas com que os homens se organizam para executar as atividades produtivas (cooperativas, escravismo, servis, capitalistas, etc.).

A forma como as forças produtivas e as relações de produção é reproduzida historicamente constitui o que Marx chama de Modo de Produção. Marx identifica alguns Modos de Produção: antigo, germânico, feudal, capitalista; cada qual com o papel de desenvolvimento da propriedade privada e da exploração humana.

De acordo com Marx, a sociedade capitalista surge, então, de interesses opostos em decorrência da transformação do modo de produção feudal. Neste sentido, a história do homem é marcada pela luta de classes, de interesses opostos.



Seria importante que você aprofundasse um pouco, para melhor compreensão nas origens históricas do capitalismo.

**Não desanime!
Mãos à obra!**

O SALÁRIO



Figura 03

É baseado na força de trabalho humano, que é considerado mercadoria. O salário deve corresponder à quantia que permita ao operário alimentar-se, vestir, cuidar dos filhos, recuperarem as energias, e, assim estar de volta no dia seguinte ao trabalho (Costa, 1987: 76)

Porém, se o trabalhador trabalha além do necessário, Marx chamará de mais-valia, ou lucro a mais que o operário dá ao patrão.

A SOCIEDADE CAPITALISTA E SUA TRANSIÇÃO

Para Marx a sociedade capitalista é a mais discriminatória que existe e a que mais explora o operário, mesmo afirmando ser a forma de organização mais desenvolvida e mais variada de todas as existentes.

Ao materializar a força de trabalho, como mercadoria define as características da sociedade capitalista. Portanto, para a mudança social, ou dialética, caberia a burguesia o papel revolucionário de mudar, não apenas os processos produtivos, mas também a organização do Estado, das forças sociais em que este Estado sustentava. (Quintaneiro, et al, 1995: 90)

A transitoriedade do modo capitalista para uma sociedade comunista, que para ele seria a sociedade ideal, passaria por um período ditatorial no qual os operários tomariam o poder e criariam o socialismo, mas somente com o desenvolvimento do capitalismo, o que geraria a penúria, a pobreza, iniciaria uma luta contrária ao sistema, “libertando” o homem do sofrimento capitalista e conseqüentemente sua exploração.

DICA DE LIVROS

- **Max Weber**
A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo;
Indivíduo e Sociedade.
- **Karl Marx**
O Capital;
Manuscritos Filosóficos;
Dezoito de Brumário;
- **Friedrich Engels e Karl Mar**
A Ideologia Alemã

Para concluirmos percebemos, grosso modo, a amplitude da contribuição de Marx para pensar em uma sociedade diferente da capitalista. Não houve setor da realidade social que fugisse à perspectiva do materialismo histórico, seja no campo ideológico, científico, político, econômico, etc. Assim, por ser extremamente amplo e conseguirmos dar conta neste curto espaço, sugerimos aprofundar na leitura dos seguintes tópicos:

Materialismo Dialético, Materialismo Histórico, mais valia, alienação, trabalho, valor e lucro.

Esclareço que a obra de Karl Marx é imensa e não conseguiremos aqui abarcar todo conhecimento.

Lembro, ainda que por serem clássicos encontramos via internet vários livros de Max Weber e Karl Marx.

Pretendendo caracterizar não apenas uma visão econômica da história, mas também uma visão histórica da economia, a teoria marxista também procura explicar a evolução das relações econômicas nas sociedades humanas ao longo do processo histórico. Haveria, segundo a concepção marxista, uma permanente dialética das forças entre poderosos e fracos, opressores e oprimidos, a história da humanidade seria constituída por uma permanente luta de classes, como deixa bem claro a primeira frase do primeiro capítulo o Manifesto Comunista:

A história de toda sociedade passada é a história da luta de classes.

Classes essas que, para Engels são "os produtos das relações econômicas de sua época". Assim, apesar das diversidades aparentes, escravidão, servidão e capitalismo seriam essencialmente etapas sucessivas de um processo único. A base da sociedade é a produção econômica. Sobre esta base econômica se ergue uma superestrutura, um estado e as idéias econômicas, sociais, políticas, morais, filosóficas e artísticas. Marx queria a inversão da pirâmide social, ou seja, pondo no poder a maioria, os proletários, que seria a única força capaz de destruir a sociedade capitalista e construir uma nova sociedade, socialista.

Para Marx os trabalhadores estariam dominados pela ideologia da classe dominante, ou seja, as ideias que eles têm do mundo e da sociedade seriam as mesmas ideias que a burguesia espalha. O capitalismo seria atingido por crises econômicas porque ele se tornou o impedimento para o desenvolvimento das forças produtivas. Seria um absurdo que a humanidade inteira dedica-se a trabalhar e a produzir subordinada a um punhado de grandes empresários. A economia do futuro que associaria todos os homens e povos do planeta, só poderia ser uma produção controlada por todos os homens e povos. Para Marx, quanto mais o mundo se unifica economicamente mais ele necessita de socialismo.

Não basta existir uma crise econômica para que haja uma revolução. O que é decisivo são as ações das classes sociais que, para Marx e Engels, em todas as sociedades em que a propriedade é privada existem lutas de classes (senhores x escravos, nobres feudais x servos, burgueses x proletariados). A luta do proletariado do capitalismo não deveria se limitar à luta dos sindicatos por melhores salários e condições de vida. Ela deveria também ser a luta ideológica para que o socialismo fosse conhecido pelos trabalhadores e assumido como luta política pela tomada do poder. Neste campo, o proletariado deveria contar com uma arma fundamental, o partido político, o partido político revolucionário que tivesse uma estrutura democrática e que buscasse educar os trabalhadores e levá-los a se organizar para tomar o poder por meio de uma revolução socialista.

Marx tentou demonstrar que no capitalismo sempre haveria injustiça social, e que o único jeito de uma pessoa ficar rica e ampliar sua fortuna seria explorando os trabalhadores, ou seja, o capitalismo, de acordo com Marx é selvagem, pois o operário produz mais para o seu patrão do que o seu próprio custo para a sociedade, e o capitalismo se apresenta necessariamente como um regime econômico de exploração, sendo a mais-valia a lei fundamental do sistema.

A força vendida pelo operário ao patrão vai ser utilizada não durante 6 horas, mas durante 8, 10, 12 ou mais horas. A mais-valia é constituída pela diferença entre o preço pelo qual o empresário compra a força de trabalho (6 horas) e o preço pelo qual ele vende o resultado (10 horas por exemplo). Desse modo, quanto menor o preço pago ao operário e quanto maior a duração da jornada de trabalho, tanto maior o lucro empresarial. No capitalismo moderno, com a redução progressiva da jornada de trabalho, o lucro empresarial seria sustentado através do que se denomina mais-valia relativa (em oposição à primeira forma, chamada mais-valia absoluta), que consiste em aumentar a produtividade do trabalho, através da racionalização e aperfeiçoamento tecnológico, mas ainda assim não deixa de ser o sistema semi-escravista, pois "o operário cada vez se empobrece mais quando produz mais riquezas", o que faz com que ele "se torne uma mercadoria mais vil do que as mercadorias por ele criadas".

Assim, quanto mais o mundo das coisas aumentam de valor, mais o mundo dos homens se desvaloriza.

Ocorre então a alienação, já que todo trabalho é alienado, na medida em que se manifesta como produção de um objeto que é alheio ao sujeito criador. O raciocínio de Marx é muito simples: ao criar algo fora de si, o operário se nega no objeto criado. É o processo de objetificação. Por isso, o trabalho que é alienado (porque cria algo alheio ao sujeito criador) permanece alienado até que o valor nele incorporado pela força de trabalho seja apropriado integralmente pelo trabalhador. Em outras palavras, a produção representa uma negação, já que o objeto se opõe ao sujeito e o nega na medida em que o pressupõe e até o define. A apropriação do valor incorporado ao objeto graças à força de trabalho do sujeito-produtor promove a negação da negação. Ora, se a negação é alienação, a negação da negação é a desalienação. Ou seja, a partir do momento que o sujeito-produtor dá valor ao que produziu, ele já não está mais alienado.

Disponível em:

<http://www.culturabrasil.pro.br/marx.htm>

Acesso dia 07 de abril 2014

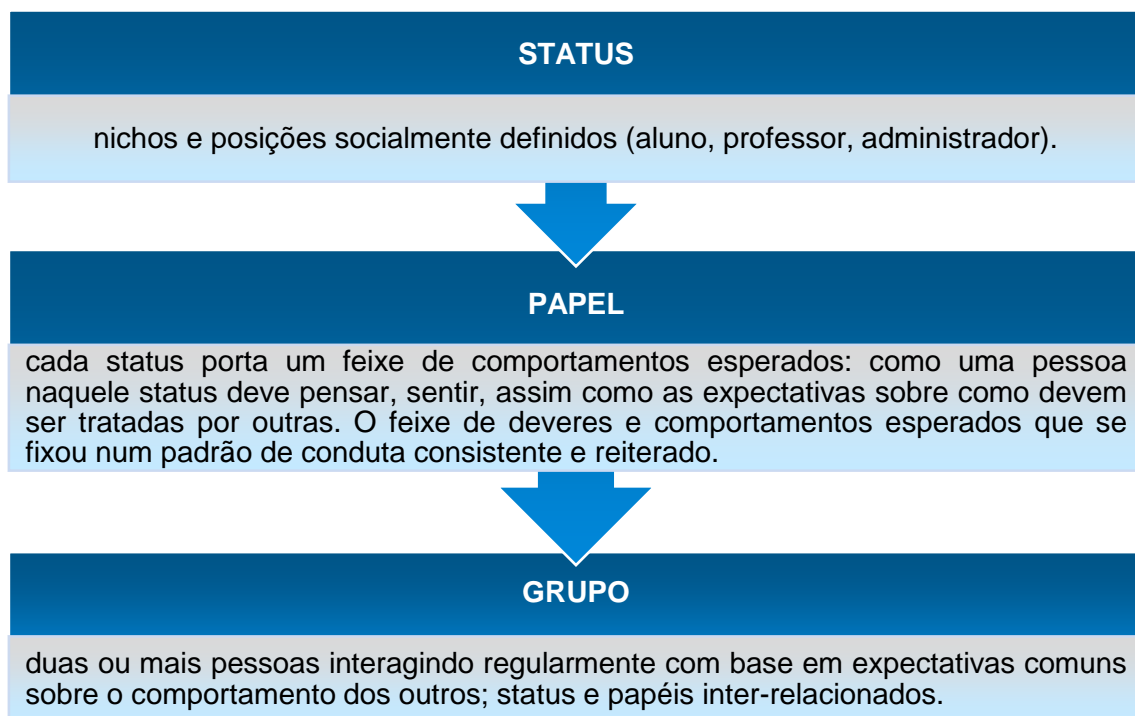
AS RELAÇÕES SOCIAIS INSTITUÍDAS HISTORICAMENTE

Podemos afirmar que o ser humano é adaptável socialmente? Afirmamos que sim.

Em cada período vivido o homem passou por processos adaptativos. Assim, o homem evoluiu e evolui física e culturalmente. Em função de sua capacidade de produzir cultura o homem é um ser diferente dos demais e desenvolve meios de adaptação ao ambiente. Mesmo durante o período pré-histórico, o homem comunicava-se através de símbolos e linguagem articulada. A partir das primeiras conquistas, outras formas de relações foram reinventadas, “capacitando o homem ao uso de renovados mecanismos de adaptação que permitiram sua sobrevivência” (MARCONI; PRESOTO, 2001:92)

De acordo com alguns antropólogos, a organização social ou a forma do homem se organizar historicamente está intimamente relacionada com as partes constituintes da sociedade, a organização de posições sociais e a distribuição de indivíduos nessas posições.

Dentre essas posições sociais observamos alguns conceitos:



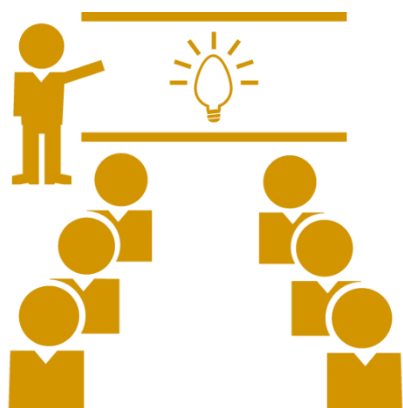
De acordo com Émile Durkheim (DURKHEIM, 1983) os laços que unem os elementos de um grupo constituem em dois tipos de solidariedades: mecânica e orgânica. A solidariedade mecânica acontece quando liga diretamente o indivíduo à sociedade sem

nenhum intermediário. Constituem de um conjunto mais ou menos organizado de crenças e sentimentos comuns a todos os membros: é o chamado tipo coletivo, muito comum em sociedades simples no qual as divisões sociais são menos perceptíveis. Enquanto que as sociedades orgânicas são derivadas de sociedades mais complexas, com ampla divisão social do trabalho e em consequência uma maior individualização humana.

Vemos assim, que quanto mais desenvolvida uma sociedade, mais complexa!

A antropologia também busca subsídios explicativos na organização política, como um dos mecanismos para a organização social. Essa organização abrange um conjunto de instituições através das quais se mantêm a ordem, o bem-estar e a integridade do grupo, sua defesa e proteção. Controlam e regulam a vida da sociedade garantindo (ou pelo menos deveria garantir) os direitos individuais, a organização governamental, o sistema de governo e a defesa e proteção dos membros (MARCONI; PRESOTTO, 2001:150). Porém, salientamos que esse conceito pode variar de autor para autor.

Como a organização econômica, a organização política é também um aspecto da cultura, encontrado em todos os grupos humanos, simples ou complexos. Sua característica essencial é o exercício do poder, da participação, da lealdade, das tradições e símbolos comuns, governos e sistema de relações externas.



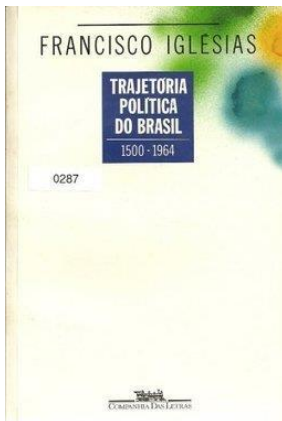
Pena que o objetivo e o sentido real das instituições políticas têm perdido seu papel de gerenciador de direitos e igualdades. Neste sentido temos muito a aprender!

Basta olharmos a nossa volta: desigualdades sociais, fome, miséria, desemprego, prostituição, etc. Claro que os políticos não resolvem tudo sozinhos, temos que fazer a nossa parte, nossa força é essencial. Mas se os elegemos temos que cobrá-los.

Este é o papel para o qual foram escolhidos...

Caso queiram aprofundar no tema sugiro como leitura: **A trajetória política do Brasil**, de Francisco Iglesias e ainda de João Ubaldo Ribeiro, **Política: uma nova edição revista e ampliada pelo autor**.

DICA DE LIVRO



SUGESTÃO DE LIVROS

Caso queiram aprofundar no tema sugiro como leitura: **A trajetória política do Brasil**, de Francisco Iglesias e ainda de João Ubaldo Ribeiro, **Política: uma nova edição revista e ampliada pelo autor**.

UNIDADE V– QUESTÕES SOCIOANTROPOLÓGICAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Objetivos

- Moral e controle social.
- Instituições: família, escola, estado, religião e institutos econômicos.
- Globalização e exclusão social.
- Questões étnico-sociais.
- Observar a influência da Sociologia e da Antropologia no mundo atual.
- Apresentar a sociologia enquanto disciplina interdisciplinar
- Identificar traços básicos da cultura africana em nossa sociedade.

Um profissional atento a todas as transformações sociais é um profissional bem informado. Um advogado que tenha conhecimento da forma com que as leis são construídas e o contexto social na qual são aplicadas, com certeza será um profissional melhor. Ao empreender uma publicidade, assessorar um político, administrar uma empresa, analisar livros e notas contábeis, entender o meio e as atitudes de meu paciente, saber lidar com as mídias e seus envolvimento, ajudar alguém que necessite é necessário compreender a composição, os dados, as características e tendências da população na qual você interage.

Para que nossos objetivos profissionais sejam alcançados é necessário conhecer as pessoas envolvidas, seus interesses, suas crenças, seus hábitos, suas culturas e suas tradições, o que pode ser uma forma de guiar em sua conduta. Nenhum profissional consegue agir adequadamente sem abstrair da sociedade na qual atuará noções básicas de seu entendimento.

PARA PENSAR

Que tal observarmos nossa realidade? Quem poderá ser estes agentes que profissionalmente irei interagir diretamente? Como melhor conhecê-los? Quais os problemas que posso encontrar mediante o envolvimento com indivíduos tão diferentes uns dos outros?

A SOCIOLOGIA HOJE



Figura 4

Após uma intensa evolução social, nos encontramos em pleno século XXI, num momento em que cada vez a sociedade nos impõe determinados valores, atitudes e ações. Novos desafios são estabelecidos ao homem moderno, novas tecnologias, novas formas de comunicação, novos valores, novos conceitos, novas relações de trabalho, formas até distintas de relações de poder. Isto requer que nós tenhamos cada dia mais um cuidado para que não nos deixemos envolver por ações que possam denegrir nossa individualidade. Devemos organizar, planejar nossos atos e com certeza só conseguimos chegar a este estágio, se compreendermos mais profundamente nossa posição e objetivos.

De acordo com Cristina Costa (COSTA, 2005:22) *é hora de repensar os padrões, as regularidades que ordenam a vida social e hierarquizá-los. Nesse contexto, a ciência da sociedade ganha nova importância e se confronta com novos desafios.* Portanto, arregacemos as mangas e mãos a obra, pois, o mundo exige cada dia mais de nós mesmos, seja como profissional, como ser humano, como filho, como mãe, como pai, como irmão, como amigo...

EXERCÍCIO PRÁTICO (NÃO AVALIATIVO)



Na canção de Chico Buarque de Holanda procure indícios que demonstrem as ações do homem atual e as angústias por ele enfrentadas. Este homem é visível na nossa região? Estarei à espera das respostas na minha caixa de mensagem presente no Ambiente EAD.
Bom trabalho!

CONSTRUÇÃO

COMPOSIÇÃO: CHICO BUARQUE

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado

Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego
Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas

Tijolo com tijolo num desenho lógico
 Seus olhos embotados de cimento e tráfego
 Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
 Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
 Bebeu e soluçou como se fosse máquina
 Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
 E tropeçou no céu como se ouvisse música
 E flutuou no ar como se fosse sábado
 E se acabou no chão feito um pacote tímido
 Agonizou no meio do passeio náufrago
 Morreu na contramão atrapalhando o público
 Amou daquela vez como se fosse máquina
 Beijou sua mulher como se fosse lógico
 Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
 Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
 E flutuou no ar como se fosse um príncipe
 E se acabou no chão feito um pacote bêbado
 Morreu na contra-mão atrapalhando o sábado
 Por esse pão pra comer, por esse chão prá dormir

A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
 Por me deixar respirar, por me deixar existir,
 Deus lhe pague
 Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
 Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que tossir
 Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair,
 Deus lhe pague
 Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
 E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
 E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir,
 Deus lhe pague.

Quando, na unidade 1 trabalhamos as origens da antropologia, vimos como ela surgiu a partir do contato de povos europeus principalmente o povo inglês com povos africanos e europeus dotados de culturas e comportamentos distintos e, inicialmente, vistos pelos antropólogos como exóticos e atrasados.

Posteriormente, o evolucionismo que foi a primeira teoria antropológica criada pelos antropólogos foi abandonado, e o que antes era visto como atrasado passou a ser visto como funcional. A antropologia contemporânea, e mesmo o conhecimento antropológico criado ao longo do século XX, permaneceu tendo os povos chamados primitivos como objeto de estudo e diversos estudos sobre estes povos foram escritos. Podemos, como exemplos clássicos destes estudos, citar as obras escritas por Clifford Geertz sobre os balineses, por E. R. Leach sobre tribos birmanesas e por Raymond Firth sobre uma tribo africana chamada tikopia.

HISTÓRIA E CONTEXTO ATUAL

Figura 4 - Clifford Geertz



Figura 6 - Raymond Firth



Figura 5 - E. R. Leach

Estes estudos, contudo, buscaram compreender estes povos a partir de sua especificidade, e não mais a partir de seu atraso ou de sua inferioridade.

E estes estudos, além de estudos feitos por antropólogos franceses como Godelier, Balandier e Lévi-Strauss, demonstraram como o próprio conceito de primitivismo é equivocado. Afinal, “sociedades ‘primitivas’”, como todos estes antropólogos demonstraram, possuem uma estrutura social e cultural tão sofisticada quanto as sociedades ditas complexas, ou seja, a nossa sociedade e desenvolveram, ainda, tecnologias adequadas às suas necessidades.

A antropologia contemporânea dedicou-se e dedica-se cada vez mais, ainda, ao estudo das próprias sociedades nas quais o antropólogo vive e, com isto, a antropologia deixou de ser apenas o estudo do outro para ser também o estudo do nós. E o nós possui padrões de comportamento que nem sempre o diferenciam do outro, adotando, por exemplo, comportamentos caracteristicamente tribais.

Assim, quando um clube de futebol vence o outro, os torcedores deste clube comemoram a vitória sobre a tribo rival. É a minha tribo e, portanto, sou eu, quem

venceu; por isto, a vitória do clube é frequentemente definida a partir da palavra nós: quando nós vencemos, quando nós ganhamos o título. Trata-se de um rito cultural e, portanto, objeto de estudo da antropologia de identificação, que permite ao indivíduo-torcedor criar laços de pertencimento-identificação com a torcida-tribo, assim como o indígena identifica-se com a sua tribo e celebra os triunfos guerreiros desta tribo, que são também os seus triunfos.

A ANTROPOLOGIA ENTRE AS OUTRAS ÁREAS DE CONHECIMENTO

Áreas de conhecimento como a saúde, a educação e o direito são culturalmente definidas e por isto, por exemplo, elaborou-se uma antropologia da saúde e uma antropologia do direito, entre outras, a partir das quais a dimensão cultural da prática médica e da prática jurídica podem ser compreendidas a partir de uma perspectiva antropológica, o que, aliás, é de grande utilidade para que tanto o profissional da área médica quanto o profissional da área jurídica possam compreender adequadamente o universo humano, cultural e profissional no qual atuam.

Vamos, por exemplo, pensar a antropologia do direito, na qual autores como Marcel Mauss e Leopold Pospisil construíram obras relevantes, para não mencionarmos precursores como Kant. O direito pode ser definido como a normatização jurídica do uso do poder.

Quando, por exemplo, o governante exerce poder sobre o cidadão, o policial sobre o criminoso, o patrão sobre o empregado, o pai sobre o filho, este poder não é exercido de forma indiscriminada, e sim a partir de normas que ao mesmo tempo validam e delimitam o seu uso.

O poder do governante, desta forma, é juridicamente sancionado, uma vez que ele exerce um cargo legalmente válido, mas é também constitucionalmente limitado.



Figura 7 - Marcel Mauss



Figura 8 - Leopold Pospisil

Este espaço jurídico, por outro lado, apenas pode ser compreendido se o situarmos no espaço cultural do qual faz parte; apenas pode ser compreendido, em síntese, a partir de sua dimensão cultural, que, por ser uma dimensão cultural, é também uma dimensão antropológica. Darei um exemplo.

Jogar no bicho, em termos jurídicos, constitui contravenção penal, sendo, portanto, passível de punição. Mas, então, por que ninguém, no Brasil é punido por jogar no bicho? Porque fazer isto, no Brasil, infringe a norma jurídica, mas não infringe a norma cultural. Jogar no bicho, para nós, é um ato culturalmente aceito, mesmo que seja juridicamente ilegal, havendo, no caso, um descompasso entre universo cultural e universo jurídico.

Da mesma forma, transformações jurídicas apenas podem ser compreendidas a partir de transformações ocorridas no universo cultural. Se, por exemplo, a lei pune o marido que agride a mulher Lei Maria da Penha e não mais reconhece como válida a morte da adúltera por legítima defesa da honra é porque houve uma mudança radical no estatuto cultural da mulher na sociedade brasileira. Ela passou, progressivamente, a ser vista como um ser autônomo e dotado de direitos próprios, e não como um ser dependente do marido a quem deve obediência. As mudanças jurídicas referentes à con mudanças, por fim, não são apenas mudanças jurídicas, mas, também, mudanças culturais. Assim devem ser vistas, assim devem ser estudadas; juridicamente, mas, também, antropológicamente.

ENTENDENDO OS VALORES CULTURAIS BRASILEIROS

A ideia de subordinação a um grupo tido superior (europeu) norteou todo período colonial brasileiro. As ordens religiosas moldadas pela catequese trouxeram uma filosofia universalista e escolástica, promoveram o português como língua oficial e um trabalho baseado na exploração aniquilaram a cultura do indígena impondo-os culturas e valores europeus.

Igreja e Estado impuseram, por mecanismos de colonização a cultura subordinando seus interesses.

No século XVIII a urbanização de algumas cidades trouxe grandes transformações na maneira de viver dos que aqui residiam. Comércio baseado na exploração intensa, novos grupos sociais (escravos, comerciantes, funcionários públicos, etc). O ouro será o grande produto de exploração colonial e não mais o pau-brasil e a cana de açúcar. Novas relações sociais são firmadas, novos interesses são instituídos.

Com a chegada da família real no Brasil, uma onda de modernização chega ao país baseada em modelos europeus, e, conseqüentemente, os gastos excessivos, o que ocasionava num hiato entre a maioria da população subordinada e uma minoria que dominava.

Com o passar dos tempos novas atividades comerciais são instituídas, o que ocasiona numa mudança no modo de pensar. Almeja acabar com o analfabetismo, as diferenças sociais, criar um sentimento de nação entre os brasileiros.

A burguesia toma espaço nas discussões políticas e econômicas. Com o passar dos tempos novos pensares tomam conta do cenário nacional influenciando de maneira direta a forma de pensar e agir da população.

DICA DE LIVROS

- Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre;
- A Formação do Brasil Contemporâneo, de Caio Prado Júnior;
- Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda;
- Os desclassificados do ouro, de Laura Mello e Souza.

Por volta de 1930 mudanças na estrutura econômica, política e social: a derrocada da política agrária, o crescimento da burguesia, a industrialização a centralização de poder, com Getúlio Vargas, em 1937.

O integralismo, a intelectualidade de direita fez surgir pensadores críticos, de influência marxista e liberal, mas também pensadores de direita, defensores do integralismo.

Em 1950 grandes pensadores sociais aparecem, como Florestan Fernandes e Celso Furtado, que tentam entender o país de uma maneira mais intensa. O estudo indígena, a preocupação com os excluídos serão temas discutidos nas academias.

Com o Golpe Militar, em 1964 há um reforço nas produções acadêmicas que emancipasse as camadas menos favorecidas, às questões ligadas a educação e à Reforma Agrária.

Hoje, novas áreas são discutidas na academia, nota-se uma maior especialização nas ciências sociais, incluindo a ciência política e a antropologia, assim como maior preocupação com pesquisa e extensão.

A SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA ANÁLISE CRÍTICA

No Brasil desde o processo de colonização portuguesa, apenas uma pequena parcela da população teve acesso a Educação, a “cidadania”, aos direitos, a participação. Era restrita aos “homens bons”, ou seja, a elite brasileira provida de “cabedal” (capital), proprietária de terras e escravos; enquanto grande parte da sociedade: escravos, mulheres, homens e mulheres livres pobres permaneciam em condição de exclusão social.

Séculos se passaram, transformações ocorreram na sociedade, mas nos dias atuais, ainda, é necessária a democratização do acesso aos benefícios públicos em nosso país.

A fome, o desemprego, a concentração da terra, as diferentes formas de discriminação, as lutas por educação e saúde de qualidade, entre outros problemas sociais, enfim, as desigualdades sociais presentes na sociedade brasileira, inquietam a sociedade civil. E assim, ela busca se organizar e intervir no contexto histórico em que vive, por meio de movimentos sociais.

Mas, o que é a sociedade civil?

A sociedade civil é o espaço onde surgem e se desenvolvem os conflitos econômicos, sociais, ideológicos, religiosos. Estes conflitos podem ser resolvidos pelas instituições da sociedade, por meio de mediações e/ou da repressão, independente do sistema político. (BOBBIO, 1987: 35)

Enquanto o Estado não combater efetivamente os problemas sociais brasileiros com políticas públicas adequadas e a sociedade civil não ver suas reivindicações totalmente contempladas nestas políticas, ela procurará se organizar e lutar para que seus ideais e/ou projetos políticos sejam concretizados. Sendo assim, para compreender a ação dos movimentos sociais, a defesa por uma sociedade democrática e justa na atualidade, é importante refletir sobre a história política brasileira recente.

No Brasil, durante o regime militar (1964-1985), embora a repressão existisse de forma constante, o movimento estudantil teve um papel valioso na oposição à ordem estabelecida, lutando por educação de qualidade e mais vagas nas universidades.

Pelo país, diversas passeatas e manifestações de contestação ao regime vigente tomaram as ruas, as quais foram combatidas com prisões e repressão, havendo o confronto entre manifestantes e a polícia.

Os descontentamentos em relação ao governo e sua política contribuíram para que parcela da sociedade civil se organizasse e tomasse as ruas.

Essa situação foi “resolvida” pelo Estado através da repressão institucional, com a decretação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) de 13 de dezembro de 1968, que implicou no recrudescimento do regime militar. Qualquer manifestação de rua, que se opunha a alguma política do governo ou possuía caráter reivindicatório, era combatida pelos agentes de segurança como ações de “subversivos”, “baderneiros” e “comunistas”.

Eram tempos em que o Estado autoritário, por meio de leis de exceção, da repressão e censura política, buscava combater toda forma de organização social, que pudesse comprometer os ideais do regime. Porém, a sociedade civil que antes havia dado apoio ao golpe de Estado que depôs o presidente João Goulart em 31 de março de 1964, ressurgiu nas ruas para lutar pelo retorno a democracia, o Movimento Diretas-Já.

Hoje a população brasileira vive em um regime democrático. Mas, ainda é preciso combater as desigualdades sociais, que inquietam as pessoas, levando-as a se organizarem, por meio de ações individuais ou coletivas, movimentos sociais e organizações não governamentais (ONGs).

Os movimentos sociais são inovadores, porque fazem o questionamento das estruturas em que estão inseridos e propõem novas formas de organização à sociedade política (GOHN, 1997: 12). Eles são fenômenos históricos, existirão enquanto a humanidade não resolver seus problemas básicos: desigualdades sociais, opressão e exclusão (GOHN, 1997: 19-20).

Desta maneira, os movimentos sociais são respostas coletivas de algumas pessoas aos problemas que vivenciam, procurando lutar por suas reivindicações, construindo e refazendo sua própria história em determinado tempo. Mesmo entendendo, assim como Durkheim e José de Souza Martins (DURKHEIM, 1983; MARTINS, 2005), que esses movimentos são anômicos, ou seja, a ausência de regras sociais, que faz com que os interesses coletivos, que poderia ser a chave das soluções sociais, acabem por voltar para interesses individuais, esquecendo-se da coletividade e do sentido do próprio movimento; é visível que tais movimentos têm o seu papel e importância na construção de uma sociedade mais justa, pois, permite uma mudança e reestruturação de valores, símbolos e direitos.



Neste sentido pergunto:

Você já observou algum líder de tais movimentos tirarem proveito do cargo possuído, seja política, social e economicamente?

Acredito que sim!

Mas reforçamos que tais movimentos têm sua importância nas mudanças sociais.

Importante destacar que nos últimos tempos o Estado brasileiro busca implementar políticas públicas, que combatam as desigualdades sociais, provenientes de nosso processo histórico de colonização e construção da sociedade brasileira.

Ao se analisar a sociedade atual, constata-se que o Estado está construindo caminhos para combater diferentes formas de exclusão social, porém, há ainda muito para se fazer...

Como vamos descrevermos nas Unidades de Ensino que a Socioantropologia é uma dentre outras, considerada científica por utilizar de seus métodos e objetivos próprios e não é por menos que chega ao Brasil com características próprias, guiada pela cultura, economia e sociedade.

Faremos, então, um rápido retrospecto histórico brasileiro para melhor compreensão do pensamento social como resposta a problemas concretos apresentados pela evolução de seu povo.

TEXTO COMPLEMENTAR - O ESTUDO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL



Figura 02

A Sociologia sempre teve como um dos objetos de estudos o conflito entre as classes sociais. Na América Latina, por exemplo, a Sociologia do início do século XX sofreu intensas influências das teorias marxistas, na medida em que suas preocupações passaram a ser o subdesenvolvimento dos países latinos.

No Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, estudiosos se debruçaram em busca do entendimento da formação da sociedade brasileira, analisando temas como abolição da escravidão, êxodos e estudos sobre índios e negros. Dentre os autores mais significativos, temos: Sérgio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil-1936), Gilberto Freyre (Casa Grande & Senzala-1933) e Caio Prado Júnior (Formação do Brasil Contemporâneo-1942)

Nas décadas seguintes, a Sociologia praticada no Brasil voltou-se aos estudos de temas relacionados às classes trabalhadoras, tais como salários e jornadas de trabalho, e também comunidades rurais. Na década de 1960 a Sociologia passou a se preocupar com o processo da industrialização do país, nas questões de reforma agrária e movimentos sociais na cidade e no campo; a partir de 1964 o trabalho dos sociólogos se voltou para os problemas socioeconômicos e políticos brasileiros, originados pela tensão de se viver num regime militar (ou ditadura militar, que no Brasil foi de 1964 a 1985), nesse período a Sociologia foi banida do ensino secundarista.

Na década de 1980 a Sociologia finalmente voltou a ser disciplina no ensino médio, sendo facultativa sua presença na grade curricular. Também ocorreu nesse período a profissionalização da Sociologia no Brasil.

Além da preocupação com a economia, política e mudanças sociais apropriadas com a instalação da nova república (1985), os sociólogos diversificaram os horizontes e ampliaram seus leques de estudos, voltaram-se para o estudo da mulher, do trabalhador rural e outros assuntos culminantes.

Em 2009, a Sociologia tornou-se disciplina obrigatória na grade curricular dos alunos do ensino médio no Brasil. A oportunidade da aproximação do aluno com a Sociologia, como um campo do saber, tem por objetivo a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais. Em outras palavras e sem perder de vista a importância da História, é considerar que as coisas nem sempre foram do jeito que são. É perceber que há mudanças profundas ao longo da história, fruto de decisões de homens.

Orson Camargo (Revista Brasil Escola)

Graduado em Sociologia e Política pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP

Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

QUESTÕES ÉTNICO RACIAIS

A Lei 10.639/03:

Atualmente, no meio acadêmico, os debates travados sobre a Lei 10.639/03, lei que rege sobre a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira, no âmbito de todo o currículo escolar. Observamos que ao mesmo tempo em que este estudo é fundamental para o entendimento do Brasil, temos que ter o cuidado de não reformarmos o preconceito e a discriminação.

A justificativa desta lei é legítima, pois em um país como o Brasil, no qual a maioria da população são descendentes africanos, como ver apenas a cultura do europeu como a formadora de nosso povo?

Noção de História da África:

Muito ao contrário do que se pensava, a África sempre contribuiu de maneira intensa com avanços tecnológicos da história, como a prática agrícola, criação de gado,

mineração e metalurgia, etc.; desenvolvimento tão pouco divulgado. Infelizmente, conceitos mal feitos foram erigidos, repassados apenas uma África desnutrida, pobre e sem história. Apenas recentemente há uma inversão nestes valores: uma África repleta de riquezas e realizações.

A circunscrição do olhar histórico aos últimos quinhentos reforça a imagem de povos africanos como primitivos ou eternos escravos. Mas é bom que se esclareça que os africanos viveram apenas uma parte muito pequena de sua história vivendo numa escravidão mercantil (como a que existiu no Brasil). Durante milênios foram agentes ativos do desenvolvimento da civilização humana em todo mundo.

No Brasil, geralmente o sinônimo de escravo está ligado à cor da pele, passou a ser sinônimo de negro. Entretanto, a escravidão atingiu diversos povos do mundo, inclusive brancos europeus, e não apenas negros africanos.

O continente africano possui uma riqueza cultural muito grande, em algumas sociedades preserva-se o sistema matrilinear, nele a mulher desempenha várias funções e goza de direitos sociais, econômicos, políticos e espirituais, em outras, ainda preservam alguns rituais como o preparo para o casamento e o respeito ao mais velho.

Os africanos no Brasil:

Sabemos que o Brasil foi um dos maiores países escravistas do mundo. Nas Américas o trabalho compulsório constituiu-se num fato social para o desdobramento da colonização e a produção de riquezas. Porém, ao longo dos séculos XVII e XVIII, a escravidão virou sinônimo de escravidão africana. Fugas, doenças entre os escravos, conflitos entre os senhores foi cena constante. A escravidão, fosse ela indígena ou africana, estava totalmente contemplada pelo projeto escravista cristão. Enquanto isto, a pressão demográfica e o negócio lucrativo envolviam comerciantes europeus e elite colonial, que lucravam com esta exploração. (Gomes, 2002:113)

Onde tudo começou?

Eram portugueses, holandeses, franceses, ingleses, etc.; que participaram a rede do tráfico, com o objetivo de angariar altos lucros. Manolo Florentino (Florentino, 1997) afirma que cerca de 10.000.000 africanos embarcaram com destino ao Brasil, entre os séculos XV e XVI, cada qual com seus costumes e seus dialetos. Tiveram, pois de criar, a partir do embarque, um novo sentido de vida e de cultura. São Paulo do Muriaé não

ficou isento deste comércio. Andrade (2006) pode constatar a presença de Moçambicanos, Congos e Minas presentes em nossa região em meados do século XIX.

Novas culturas foram sendo criadas, novas identidades foram sendo construídas.

Com relação ao trabalho africano, sabemos que as formas de tratos podiam variar de lugar para lugar. Era comum em escravarias maiores haverem maus tratos, enquanto que escravarias menores, existirem uma melhoria neste tratamento. Os interesses em jogo norteavam as relações entre senhor e escravo. Mas o que se sabe é que a exploração, os castigos físicos e da coisificação estavam presentes, porém alguns escravos conseguiam certa ascensão social, como possuir sua roça e uma moradia.

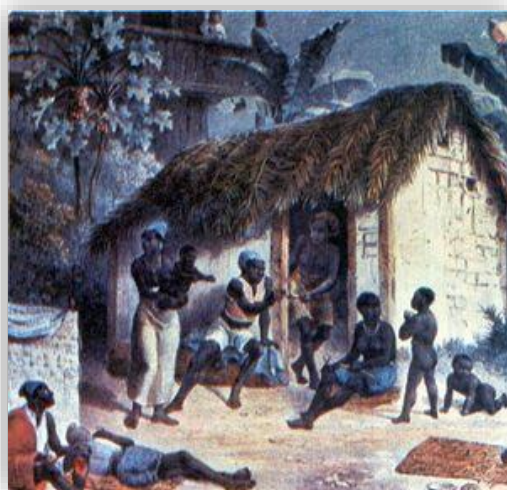


Figura – Senzala
Fonte: Blogspot

Em função dos maus tratos, muitos escravos criaram resistências, rebeliões o que culminou com a abolição da escravatura. Mas é claro que este feito foi mais uma pressão ao comércio internacional. É tanto que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão negra nas Américas, o que acabou por gerar ampla discussão entre fazendeiros, políticos, jornalistas, advogados, cientistas, que discutiam o fim da escravidão e o destino dos ex-escravos. Claro que o pós-emancipação e escravidão acabou em se confundir, gerando certo esquecimento entre a população. Não seria interessante aos senhores reforçarem esta data, já que poderia ser uma forma de criar resistência entre os ex-escravos.

Quais seriam as adaptações dos ex-escravos à “nova realidade”? Quais seriam seus destinos? Pouco se sabia, mas na verdade que até hoje muitos descendentes afro-brasileiros permanecem à margem social.

Passados quase 120 anos da Abolição o Brasil tem uma população negra de 90 milhões de pessoas, perdendo apenas para a Nigéria, mas ao mesmo tempo está população permanece invisível, sub-representada em vários campos sociais. Observemos que o acesso ao nível superior ainda é precário, os empregos são inferiorizados, o que reforça a nítida reprodução da desigualdade e discriminação social.

UNIDADE VI – VELHAS E NOVAS DICOTOMIAS O RURAL COMO DESCRIÇÃO DA REALIDADE

Objetivos:

- Entender as mudanças ocorridas no campo e na cidade de forma geral.
- Compreender o conceito de velho e novo rural numa perspectiva social.

O mundo rural tem passado por uma série de transformações com significativo impacto sobre suas funções sociais, o que tem levado ao surgimento de uma série de estudos e pesquisas sobre o tema. Após alguns anos de produções acadêmicas observa-se, a partir de uma ótica comparada, que muitas destas indagações e até mesmo conclusões, são contraditórias entre si.

O debate inicial sobre as mudanças do espaço rural/urbano parte do pressuposto de que a contemporaneidade se desenvolveu mediada pelas revoluções científicas, burguesas, religiosas e industriais, que avaliou o campo com a marca do atrasado, tradicional, conferindo-lhe noções de oposição em relação à cidade, concebidas como moderna e civilizada. De acordo com esta vertente, haveria um esvaziamento do campo, uma diminuição do trabalho camponês e uma maior flexibilidade cultural, o que na visão de alguns autores levaria ao fim do rural.



Cenário Rural

Esta corrente de pensamento, caracterizada pela qualidade de “velho rural”, chama-nos a atenção para a ambiguidade e dualidade construída a partir da relação entre campo e cidade, arquitetada mediante a individualidade de um espaço em relação ao outro. Nesta perspectiva o rural é pensado como uma ruptura e diferente da cidade moldando toda vida e ações humanas nos diferentes lugares.

Porém, nos últimos anos, as ciências sociais, têm conferido ao campo mudanças significativas, injetando novos valores e novas interpretações ao debate constatando uma dificuldade em delimitar as fronteiras entre os espaços.

Essa nova maneira de conceber o rural caracteriza a segunda corrente de pensamento do debate acadêmico, no qual apreendem o campo como espaço de reafirmação e revitalização populacional, lugar da multiplicação das atividades não agrícolas e residência dos trabalhadores urbanos. Local que incorpora valores não propriamente rurais, mas que integra certo apego aos costumes e técnicas urbanas. Neste sentido, haveria uma aproximação do campo em relação à cidade mesclando alguns traços e costumes sociais entre ambas.

Cenário Urbano



Apesar de importantes para o entendimento das relações sociais fundadas no conceito entre rural e urbano, as duas abordagens são falhas. A primeira teoria, ao basear num “velho rural”, sepulta o campo pela expansão do urbano, o que não permitiria mais a este espaço ser visto como categoria descritiva. A segunda, por que acredita-se que as evidências de mudanças são apresentadas em um grau muito maior do que ocorrem na realidade, como se o nascimento do rural fosse algo implantado mediante reformas absolutas, algo extremamente novo, o que foge da análise da realidade social.



Você já percebeu que nos últimos anos tem acontecido um resgate em áreas urbanas, de hábitos que até recentemente eram exclusivamente rurais? Seria capaz de exemplificar? Que tal tirar dúvidas nos Fóruns ou mesmo por mensagens? Estarei lá no aguardo!

Na tentativa de buscar uma direção ao debate e aprofundar no tema, esta Unidade tem como objetivo discutir os argumentos utilizados por alguns autores, que se enquadram nesta contenda, a fim de compreender qual é o sentido, qual a noção, e qual utilidade do rural na atualidade.

Uma análise sobre o “velho” e o “novo rural”

Indaga-se primeiramente sobre as visões analíticas, no qual o texto se constrói e pergunta-se: por que em um determinado momento do debate, o rural tenderia ao desaparecimento? E por que em outro alargaria para uma continuação da cidade? Haveria lugar para o rural como elemento de entendimento de uma realidade? Se positivo esta última pergunta, quais estes elementos interpretativos? A percepção destas questões está relacionada às várias modificações em que esta realidade é observada e concebida em determinado momento temporal e espacial, bem como os interesses políticos, sociais e econômico envolvidos.

Já viram as exposições agropecuárias, as cavalgadas? Eles possuem características propriamente rurais ou são adaptadas nas cidades? Quais seriam os interesses existentes nesta resignificação do rural?



No entanto, corretamente, alguns autores ressaltam que nem mesmo a preocupação com a origem e construção dos conceitos pensados a partir da organização espacial e temporal e das transformações econômicas, sociais, e culturais, resultante do crescimento urbano, é possível libertar o fenômeno urbano e rural da ambiguidade, pois, estaria originada na própria noção sociológica a imprecisão conceitual. (Martins, 1981)

Para Martins, (1981) nem mesmo a noção de “novo rural” que aponta para a noção de *continuum* seria considerada a solução dos problemas, porque acabariam reforçando a ambiguidade presente no debate, por considerar o rural e o urbano como pontos extremos numa escala hierárquica. O autor clarifica a ideia de **não olhar o rural em si mesmo, mas atenta para construí-lo e elaborá-lo a partir da noção de determinadas condições e circunstâncias sociais, como uma forma de construção da realidade, o que muitas vezes foge do pensamento do pesquisador.**

Após ampla exposição sobre a construção dicotômica da sociologia rural, Martins (p 36-37) reforça a necessidade de uma sociologia crítica, de superação da ambiguidade, voltada para a transformação e comprometimento social. Neste sentido, o rural deve ser visto como um ponto de partida, não podendo ser observado ao mesmo tempo, como ponto de chegada.

De maneira geral, como visto acima, o conceito de ruralidade, mesmo tendendo atualmente a uma crítica na formulação dos problemas levantados, como exposto por Martins, oscila em dois vieses contraditórios entre si: **em um primeiro momento o rural**

seria visto como sinônimo de decadência, em um segundo momento, como sinônimo de progresso e modernidade.

Construções sociais mais tradicionais sobre o rural que sugerem seu desaparecimento acelerado reforçam o caráter dicotômico baseado no primeiro momento da discussão. Autores clássicos como Marx e Engels, apontam como dualidade básica entre campo e cidade a divisão do trabalho, responsável pela diferença entre o modo de vida dos habitantes desses espaços. Com a expansão do capitalismo houve, para os autores, um deslocamento da base territorial para a base do capital, o que passou a conferir ao rural uma conotação de maior atraso. (Marx e Engels, 2002) ¹

Apresentados na década de 30 do século XX, Sorokin e Zimmerman (1981) constituem referência fundamental para o entendimento do par dual. Marcado por forte caráter dualista, os autores veem dificuldades ao definir o rural/urbano a partir de explicações singulares e únicas, elaborando uma combinação de vários traços típicos entre ambos.

Esta definição, chamada de composta para a explicação da dualidade, de acordo com os autores, se constrói a partir da diferença entre as ordens sociais, econômicas, espaciais e culturais descritas em oito categorias, assim descritas: diferenças ocupacionais, diferenças ambientais, diferenças no tamanho das comunidades, diferenças na densidade populacional, diferenças na homogeneidade e na heterogeneidade das populações, diferenças na diferenciação, estratificação e complexidade social, diferenças na direção da migração. (Sorokin e Zimmerman, 1981)

Ambos amparam na ideia de que no decorrer do tempo estas pendências entre campo e cidade se tornaram mais claras, aumentando tanto qualitativa quanto quantitativamente. Existe, pois, a necessidade de estudá-las de forma aprofundada, se apegando a traços onde as diferenças se tornam mais nítidas, numerosas e conspícuas.

Na segunda metade do século XX, cenário do avanço profundo de urbanização, ganham expressão a defesa de uma maior integração entre campo e cidade a partir da modernização, como uma “destruição” dos modelos arcaicos. O trabalho de Henri Mendras (1969) ilustra esta ideia de construção a partir do *continuum*, no qual não há um contraste nítido entre os dois níveis, mas diferenças de intensidade entre um e outro.

¹ Esta conotação marxista do rural vinculado ao primitivo e subordinado à natureza se ampliou no meio de outros pensadores, chegando até a alguns autores contemporâneos da Sociologia Rural.

De caráter estruturalista, Mendras (1969: p.37) admite que o fato dos habitantes do campo buscarem nas cidades grande número de seus modelos sociais, não significa que imitem e admirem a cidade sobre todos os seus aspectos, pois, a oposição entre cidade e campo não é, senão, uma face da realidade. Citadinos e rurais formam, na visão do autor, uma única sociedade, por terem em comum a mesma cultura, uma vez que, partilham das mesmas crenças e distrações.

Esta integração forma uma sociedade mais próxima e não rigidamente separada, o que para Mendras, rompe com a ideia inicial de isolamento gritante entre as duas realidades. Alerta o autor para a observação de traços comuns e características entre um e outro.

Neste sentido de valorização do rural, o debate caminhará em fins de 1970 para uma retomada da visão dicotômica relacionada a uma redefinição da relação cidade/campo, originada pela crise urbana e da degradação da vida na cidade, ocasionando uma valorização do uso social da natureza por incorporar e condicionar o planejamento e o manejo das terras rurais, (Mormont, 1997:3) pondo em prática outro modo de vida e uma maneira diferente de conceber o rural. Tal abordagem será chamado por alguns autores de “nova ruralidade” (Wanderley, 2000: 87) ou “outra ruralidade” (Veiga, 2006).

No que se refere aos segmentos desta transformação haverá uma crítica de que tudo é urbano, pois, como observado pelo próprio Mendras e também por Jollivet, repousaria numa confusão entre o modo de vida e práticas de consumo e um equívoco sobre o símbolo de urbanização. Para eles, têm aumentado o contraste entre as duas realidades na medida em que a imagem do rural, próximo à natureza, passa a desempenhar um papel cada vez mais importante nas representações da sociedade moderna, opondo ao artificialismo da vida urbana (Kayser, 1990).

O francês Bernardo Kayser ao estudar os impactos originados por deslocamento de pessoas residentes na cidade em direção ao campo afirma que a maioria destas pessoas migram em busca de melhoria na qualidade de vida. (Kayser, idem) Traço que reforçará uma retomada do campo como algo soberano, se comparado à cidade.

Lembram que Marx criticava o capitalismo? Pois é, ele supervaloriza o espaço urbano e menosprezam o espaço rural, conceituando como o lugar do atrasado, do não desenvolvido, do não progresso.

Esta revitalização social e econômica do campo, observada por Kayser, é uma marca importante para compreensão do novo impulso que o campo vem assumindo atualmente. Porém, nota-se que apesar deste rural ser lugar de melhor qualidade de vida e melhor educação para os filhos, os moradores destes espaços, não se preocupariam com as vantagens advindas do contado direto com a natureza, mas sim, estariam numa relação mais distante, não incorporando de maneira nítida seu contorno valorativo. (Wanderley, 2000)



Vida no campo

.O fato é que deveria haver uma maior homogeneização entre as significações rurais, o que marcaria uma sociedade mais coletiva e solidária. No entanto, como ressaltado por Mormont, este sistema de valores é assinalado atualmente pelo individualismo entre os grupos, tendendo a uma disparidade em escalas de valores, rejeitando a assumir qualquer responsabilidade coletiva. O que reforça o contraste e oposição entre cidade e campo. (Mormont, 1989: 331-5)

Se de um lado os moradores rurais tenderiam a uma menor valorização dos parques, das trilhas, dos esportes procedentes da zona rural, de outro os cidadãos atribuiriam uma maior defesa da preservação do meio ambiente, tendo como base, uma *visão idílica* do meio rural, ligados ao lazer, ao lugar de residência, opondo a construção de indústrias e de trabalhos daí originados. (Wanderley, 2000:103; Figueiredo, 2001: p 5-6)



A própria relevância dada à questão ambiental sobre a nova ruralidade, seja pela visão que os urbanos têm de natureza como sagrada, tendendo a construir o agricultor como jardineiro da natureza e guardião do patrimônio natural, seja pela visão que os neo rurais e rurais tradicionais têm do campo, geram e reforçam outras oposições advindas desta “nova” ruralidade, como a dicotomia entre sociedade/natureza e sociedade/cultura. (Mormont, 1989)

Entende-se, assim, que a sobreposição de um grupo em relação ao outro se dá mediante a supremacia da construção do rural, de grupos originados, na sua grande maioria da cidade, sem saber se os agentes sociais que estão em contato diariamente com este rural, têm ou não interesse em preservar estas áreas. Acredita-se que as imposições dos cidadãos são impostas sem questionar os verdadeiros interesses dos moradores rurais. ²

A pesquisa de Elizabete Figueiredo ilustra muito bem esta análise ao comparar empiricamente dois parques em regiões diferenciadas em Portugal. A autora observa a dicotomia entre as visões e representações de atores rurais e urbanos relativamente ao ambiente e à natureza rural ao concluir que o ambiente rural é o grande motor da procura e do consumo de moradores externos em ambos os parques. (Figueiredo, 2001)

Ao aprofundar no tema, Mormont e Remy chamam o debate campo/cidade para o entendimento das representações e agentes envolvidos, problematizando a questão a partir da variedade social. Vai haver tantas construções diferentes quanto são os concorrentes e representações sociais e ao mesmo tempo um recorte disciplinar. As representações seriam, então, a porta de entrada para a compreensão do rural. (Mormont, 1989; Remy, 1989)

² Esta análise baseada no poder hegemônico construído socialmente, pode ajudar na compreensão de algumas questões vitais para o entendimento dos problemas do campo, como: políticas públicas de investimento, movimentos sindicais, reforma agrária, desenvolvimento social, etc.

Remy ainda sugere não descartar a relevância do espaço geográfico como uma fronteira dinâmica, mas acaba julgando importante observar as significações do rural a partir da análise e imagem dos próprios envolvidos. Observar qual o conceito que os próprios rurais têm de si mesmos e dos residentes na cidade, ou seja, dar voz ao outro, por acreditar que existem forças urbanas agindo sobre estes moradores, mesmo que de maneira ocultas e inconsciente. Assim procedendo, permite o autor, uma maior compreensão das utopias práticas, o que possibilita passar o rural de uma maneira operatória na vida social para conceitos analíticos. (Remy, 1989: 275)

Mesmo entendendo o rural como abstrações, esta falta de coesão entre os grupos que se relacionam socialmente, bem como a existência de relações hegemônicas na construção da imagem do rural, como observado anteriormente, além de dificultar uma saída para a dualidade campo/cidade arrocha ainda mais os conflitos entre os agentes sociais envolvidos.

Entretanto, apesar de toda dificuldade em responder esta dualidade, ao trazer à tona categorias analíticas que compõem o rural, o urbano e a natureza, abre a possibilidade de observação dos interesses envolvidos, das hegemonias e supremacias de poderes, como parte de um conjunto mais amplo e dinâmico em constante construção. Fator que poderá ser de grande valia para o entendimento dos novos valores que constantemente estão em processo de estruturação e reestruturação nestes espaços.

O RURAL COMO ENTENDIMENTO SOCIAL

Como acabamos de descrever acima, duas análises distintas e dicotômicas permeiam o debate sobre ruralidade. Na primeira versão, o rural seria engolido pelo crescimento das cidades, ocasionado pelo esvaziamento agrícola e não poderia mais ser uma categoria descritiva de análise. Numa segunda versão o rural seria revitalizado, havendo uma reversão da primeira corrente, de retorno da população da cidade ao campo, e, por conseguinte, os limites entre um espaço e outro ficaria comprometido pelo novo impulso das áreas rurais.



Portanto, se acreditamos que o rural possui alguns elementos precisos que faz com que suas noções de descrição não se desmanchem com a evolução social e econômica, não há desaparecimento do rural e muito menos este rural desaparecerá com o tempo, apenas haverá uma mudança do seu significado, ocasionado pela própria mudança social.

Neste sentido, abrimos o diálogo para outro campo de análise, que tenta dar conta da terceira pergunta feita no início do primeiro subtítulo: haveria lugar para o rural como elemento de entendimento de uma realidade?

Sem sombra de dúvidas, se acreditamos que este rural existe, haverá espaço para seu entendimento. Porém, não se trata, então, de ver este rural na atualidade, como sinônimo de atraso, de agrícola, de natural, ocasionado de uma visão estereotipada dos citadinos, que colocam a cidade como um lugar de sucesso e progresso e muito menos ver o rural apenas como sinônimo de continuação de significados urbanos. Mas um novo rural observado muito mais nas representações dos atores sociais do que do que um espaço territorializado, rigidamente separado.

Observar o campo e cidade baseado em modelos pré-determinados, apenas poda-nos a capacidade de observá-los sob uma ótica pessoal, o que pode ir de encontro com características unificadas pelo consenso científico e/ou empírico. Falar em desaparecimento ou mesmo em transformação do urbano é um tanto quanto simples se observarmos a complexidade dos fenômenos de transformação e organização social na atualidade.

Se a designação rural e urbana está em constante movimento, a cada dia fica mais visível a modernização do campo, ocasionado pelo desenvolvimento tecnológico, pelas relações de trabalhos e mesmo pela construção de indústrias em áreas até então tidas como rurais. (Mathieu, 1998) Mesclando valores, a indústria toma outras feições, que não puramente urbanas, interagindo com outros espaços, podendo em alguns locais tomar uma aparência muito mais industrializada do que nas cidades.

Assim sendo, não existe um modelo próprio de rural e urbano, mas cada espaço, cada configuração, cada local, cada representação, cada simbolismo, possuem peculiaridades que lhe são próprias e que são possíveis interpretações

desta realidade sem excluir ou retirar a essência daquilo que lhe é próprio. “Não existe apenas um único modo de ler as diferenciações espaciais”. O critério de diferenciação modifica sempre e a escolha dos modelos interpretativos dependerá dos objetivos perseguidos ou dos fenômenos analisado. (Sarraceno, 1996)

Não podemos descaracterizar ou mesmo matar o rural. Ele não é o contraponto do urbano, é o *locus* onde agentes sociais exercitam seu modo de viver, de produzir, de socializar, seja individual, familiar, ou coletivo; ao mesmo tempo em que mantêm a integração e inter-relação com os outros meios sociais, sem que isso implique descaracterizar-se ou diluir-se socialmente.

Concluindo

A partir do exposto acima, acredita-se que ora privilegiando a “velha ruralidade” ora privilegiando a “nova ruralidade” o debate sempre foi caracterizado pela dualidade dicotômica extremamente difícil de ser rompida na sociedade ocidental, por estar arraigada de valores que são contraditórios e ambíguos. Mas, nem por isso, deve-se fechar os olhos para a possibilidade de interpretação desta realidade e muito menos afirmar que rural não existe, por ser possível o seu entendimento social, mediante a observação de características que lhes são próprias.

As explicações tradicionais dos estereótipos baseado na definição campo e cidade, não possuem elementos que dão conta de toda uma sociedade, pois, a própria sociedade não se unificou e nunca se unificará. Portanto, não se trata de eliminação do rural e sua modificação para urbano, por ser um fenômeno mais complexo, construídos a partir de intensos encontros, nem sempre pacíficos.

No mesmo caminho, se a noção de *continuum* estiver embebida de interpretações teóricas que orientem a análise da realidade descartando traços decisivos e marcantes de sua complexidade, de nada adiantará, pois, estará reproduzindo e até mesmo reforçando uma dualidade marcada pelo paradigma conceitual dos termos.

Contudo, se é verdade que a compreensão destes espaços não se esgotam em si, (ou seja, na análise de suas relações interpessoais) para se entender uma sociedade, seja ela rural ou urbana, é necessário ultrapassá-la, realizando investigações das suas relações com a sociedade mais ampla.

Partindo do pressuposto de que o realce do poder hegemônico costuma sobressair em relação aos significados dos agentes sociais do campo e até mesmo em relação a imprecisão conceitual existente na própria origem do conhecimento

sociológico, alerta-se para o cuidado metodológico de ficar o mais distante possível do objeto de pesquisa, mesmo sabendo que o envolvimento do próprio pesquisador, pode levar a manipulação de respostas dadas.³

Uma coisa fica claro, esta percepção de entendimento da realidade social entre campo e cidade não está pronta e muito menos este rural não existe, apenas as formas de organização social se proliferaram, tanto no campo, como na cidade. Obviamente que nesta reprodução, alguns valores são impostos o que em muitos casos encobre o verdadeiro significado das representações individuais e coletivas.

Daí a importância de rever a ótica dos sujeitos envolvidos nas relações, que permaneceram por muito tempo escondidos da ênfase do investigador. De forma geral, os grupos sociais são explicados apenas por modelos de natureza cultural ou econômica, previamente construídos. Ao fazer isto, esquece-se de que os segmentos sociais em ação tendem a inovar e, por conseguinte, a mudar tais modelos, derivando a necessidade de dar atenção às relações interpessoais construídas e nas representações de que os próprios envolvidos têm de si mesmo.

³ Para maiores detalhes ver: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

REFERENCIA

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FIGUEIREDO, Elisabete. O rural como reserva ambiental – O lugar do ambiente nas procuras externas das áreas rurais em Portugal. *IV Colóquio Hispano-Portugues de Estudos Rurales*. La multifuncionalidad de los espacios rurales de la Península Ibérica, 2001.

KAYSER, Bernard. *La renaissance rurale. Sociologie des campagnes du monde occidental*. Paris: Armand Colin, 1990.

MARTINS, José de Souza. *Introdução crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1981.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. *A ideologia alemã. Teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Centauro Editora, 2002.

MATHIEU, Nicole. La notion de rural et lês rapports ville/campagne em France: lês années quatre-vingt-dix. *Economie Rurale*. Paris, 247/Setembre-october, 1998.

MENDRAS, Henri. A cidade e o campo. In: QUEIROZ, Maria Isaura P. (org) *Sociologia Rural*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MORMONT, Marc. Rural nature and urban natures. *Sociologia Ruralis*, v XXVII, n° 1, p 3-20, 1997.

_____. Vers une redefinition du rural. In: *Recherches Sociologiques*. Vol. XX, n° 3, 1989.

REMY, Jean. Pour une sociologie du rural ou lê statut de l'espace dans la formation des acteurs sociaux. In: *Recherches Sociologiques*. Vol. XX, n° 3, 1989.

SOROKIN, P.A; ZIMMERMAN, C.C; GALPIN, C.J. Diferenças fundamentais entre o rural e o urbano. In: MARTINS, José de Souza. (org) *Introdução crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1981.

SARRACENO, Elena. O conceito de ruralidade: problemas de definição em escala europeia (esboço de um texto a ser completado). In: *Programa de Seminários INEA. Desenvolvimento nas áreas rurais. Métodos de análise e políticas de intervenção*. Roma, 30 de Outubro de 1996.

VEIGA, José Eli da. Nascimento de outra ruralidade. *Estudos Avançados*. Vol. 20, nº 57. São Paulo: Maio /agosto, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. *Estudos Sociedade e Agricultura*. nº15, out. 2000.

Disponível em: <<http://luisbessa.files.wordpress.com/2008/11/gemeos.jpg>> Acesso agosto 2012.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

BURKE, Peter. **A escrita da História** (org). São Paulo: Editora Unesp, 1992.

COSTA, Cristina. **Sociologia. Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 2005.

Disponível em:

http://www.google.com.br/search?q=imagens+revolu%C3%A7%C3%A3o+industrial&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=DIQSUPT3NPI64AP1yIDgBw&ved=0CCwQsAQ&biw=1024&bih=668#bav=on.2,or.r_qf.&fp=2533dfe590a66765&q=imagens.

Disponível em <http://boaforma.abril.com.br/imagens/materias/310-arroz-feijao.jpg> Acesso outubro de 2013

Disponível em http://editora.cosacnaify.com.br/Upload/Participante/2/8/3/marcel_mauss.jpg Acesso outubro 2013

Disponível em <http://i.ytimg.com/vi/3hnj0wiFPqk/0.jpg> Acesso outubro 2013

Disponível em <http://peabody.yale.edu/collections/anthropology/leopold-j-pospisil> Acesso outubro 2013

Disponível em

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/46/Professor_Sir_Raymond_Firth,_c1965.jpg/220px-Professor_Sir_Raymond_Firth,_c1965.jpg Acesso outubro 2013

Disponível em

<http://vitrinenews.com.br/vitrine/images/stories/gastronomia/carneseaves/frangocozidomolhomaracujaecachaca/frango%20cozido%20molho%20de%20maracuja%20com%20cachaca.jpg>

Acesso outubro 2013

Disponível em http://www.sadia.com.br/files/receitas/t_20100713184519516/frango+recheado+com+farofa.jpg
Acesso outubro 2013

Disponível em <http://www.sss.ias.edu/files/images/faculty/Geertz-web-edited.jpg> Acesso outubro 2013

Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/_OQxSCtxnPzo/TJDe_cQC46I/AAAAAAAAAEI/Xn1xzm9OIAM/s1600/max_weber.jpg. Acesso agosto 2012.

Disponível em: http://4.bp.blogspot.com/_Ij7GDHHgMus/S8bDQOBn3CI/AAAAAAAAAQ/awNbmX7nWBI/s400/400px-Alto_orinoco5.jpg. Acesso agosto 2012.

Disponível em: <http://serumdeficiente.files.wordpress.com/2009/11/escravo4.gif?w=451&h=379>

Disponível em: <http://www.grupoescolar.com/a/b/BE13F.jpg>. Acesso agosto 2011.

Disponível em: <http://www.inclusive.org.br/wp-content/uploads/2011/01/Diferen%C3%A7a.jpg>.

Disponível em: http://www.nosrevista.com.br/wpcontent/uploads/2009/12/exclusao_social_gente.jpg.

Disponível em: <http://www.not1.com.br/wp-content/uploads/2010/07/cultura-brasileira.jpg>.

Disponível em: http://www.pedagogiaaopedaletra.com/wpcontent/uploads/2011/05/brasil_trabalhadores.jpg. Acesso setembro 2011.

Disponível em: <http://www.tocadacotia.com/wp-content/gallery/folclore/folclore-2.jpg> Acesso agosto 2012.

DURKHEIM, Émile.

Disponível em: <http://cdn1.mundodastribos.com/wp-admin/uploads/2010/01/sub_sociologia.jpg> Acesso em agosto de 2014.

Disponível em:

Figura 03 disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_oKPSy__e2Bs/SjMb1i1wh0I/AAAAAAAAAOo/9cBLVMq1cRw/s400/Pinturas+Rupestres.jpg>

Acesso em agosto de 2014.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Antropologia/Acervo_de_imagens> Acesso em agosto de 2014.

Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/imagens/comte.gif>

Acesso agosto de 2014.

Disponível em <https://leiadireito.wordpress.com/tag/escolas-positivas/>

Acesso agosto de 2014.

Disponível em: <https://leiadireito.wordpress.com/tag/escolas-positivas/>

Disponível em: <http://ec.europa.eu/news/images/business/080626.jpg>

Acesso agosto de 2014.

Disponível em: http://www.anagrammer.com/common/images/search/p/r/o/p/a/g/a/n/d/a/s/-/00.thumbnail.eupodiatamatando_bebe_cheio_de_anuncios1.jpg

Acesso agosto de 2014.

Disponível em :
http://2.bp.blogspot.com/_H1VyVbELf1M/TFFxRjk4IjI/AAAAAAAAADU8/BEfqr06AeE4/s400/sociedade.jpg. Acesso agosto 2012.

Disponível em
: http://2.bp.blogspot.com/_H1VyVbELf1M/TFFxRjk4IjI/AAAAAAAAADU8/BEfqr06AeE4/s400/sociedade.jpg. Acesso dia 08/04/2012.

Disponível em:
http://2.bp.blogspot.com/_OQxSCtxnPzo/TJDe_cQC46I/AAAAAAAAAEI/Xn1xzm9OIAM/s1600/max_weber.jpg. Acesso 07/04/2012.

Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/_ILPUPuE_Y9U/SgRHoXkvgFI/AAAAAAAAAD4/d2nXH6X57Xg/s320/salario.jpg. Acesso em 07/04/2012

Disponível em:
<http://3.bp.blogspot.com/pDQgpg9TCs/ThMrNhGd6DI/AAAAAAAAABZQ/DmSu1Yjy85o/s1600/to-mar-cafe.jpg>. Acesso agosto de 2012.

Disponível em: http://4.bp.blogspot.com/_TmjZEaJB7wk/SNZ0peAyp3I/AAAAAAAAAHI/4giG0a4cypY/s320/images.lk.jpg Acesso dia 07/04/2012.

Disponível em: <http://cineindiscreto.files.wordpress.com/2010/05/tempos-modernos2.jpg>. Acesso dia 07/04/2012.

Disponível em:
http://www.colegiosagrado.com.br/lereaprender/wpcontent/uploads/2010/07/karl_marx.jpg. Acesso dia 07/04/2012.

Disponível em: <http://www.culturabrasil.pro.br/marx.htm>. Acesso: 07/04/2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIDDENS, Antony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

HOBBSBAWN, Eric J. **A era das Revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IGLÉSIAS, Francisco. **A trajetória política do Brasil. 1500.1964**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LARIAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Nacional, 1976.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.

MARCONI, M. de A.; PRESOTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCONI, M. de A.; PRESOTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2007

MARTINS, José de Souza. As mudanças nas relações entre a sociedade e o Estado e a tendência à anomia nos movimentos sociais e nas organizações populares. In: _____ . **Reforma Agrária. O impossível diálogo**. São Paulo: Edusp, 2004.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural. Iniciação, teoria e temas**. Petrópolis: editora Vozes, 2007.

MILLS, C Wright. **A elite do poder. A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MOONEN, F. **Antropologia aplicada**. São Paulo: Ática, 1988.

OLIVEIRA, Persio Santos. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Ática, 2000.

QUINTANEIRO, Tânia. et. Al. **Um toque de clássicos**. Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Política: uma nova edição revista e ampliada pelo autor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SILVA, Ana Lúcia da. Escola, Sociedade e História: Vivências Plurais e Movimentos Sociais. **Revista Espaço Acadêmico** – Ano III, nº 24 – Maio 2003.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito Capitalista**. São

